



AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DA INSEGURANÇA ALIMENTAR EM CABO VERDE

ANÁLISE DOS DADOS DE CONSUMO ALIMENTAR

INQUÉRITO SOBRE AS DESPESAS E RECEITAS FAMÍLIAS

IDRF 2001-2002

Praia; Setembro 2007

RESUMO EXECUTIVO	1
LISTA DE ABREVIACÕES	2
I. INTRODUÇÃO	3
SITUAÇÃO ECONÓMICA DO PAÍS.....	3
OBJECTIVOS DO RELATÓRIO.....	3
II. DISCRICÃO DO INQUÉRITO	4
II.1 – O INQUÉRITO.....	4
II.2 – O TRATAMENTO.....	4
III. RESULTADOS	6
III.1. INCIDÊNCIA DA CARÊNCIA ALIMENTAR.....	7
1- <i>Determinação da necessidade energética mínima em Cabo Verde</i>	7
2- <i>Nível de prevalência da carência alimentar</i>	7
III.2. INTENSIDADE DA CARÊNCIA ALIMENTAR.....	9
III.3. POBREZA ALIMENTAR CRÍTICA.....	10
III.4. CONSUMO ALIMENTAR E DESPESA ALIMENTAR.....	12
III.5. COMPOSIÇÃO DA DIETA ALIMENTAR.....	15
III.6. DESIGUALDADE NO CONSUMO ALIMENTAR E DE RENDIMENTOS.....	19
1 - <i>Acesso à alimentação: Desigualdade de consumo alimentar medida pelo CV</i>	20
2- <i>Rácio de dispersão</i>	23
III.7. OS OBJECTIVOS INTERNACIONAIS DE LUTA CONTRA A SUB-ALIMENTAÇÃO (ODM E SMA).....	24
IV. CONCLUSÕES	25
1. LIMITAÇÕES	25
2. RECOMENDAÇÕES	26
a) <i>Relativamente ao Inquérito</i>	26
b) <i>Relativamente à Acção</i>	26
V - LISTA DE DEFINIÇÕES	28
VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
VII. TABLEAUX ANNEXES	33
<i>Annexe tableau 1. Statistiques sur la consommation alimentaire</i>	33
<i>Annexe tableau 2. Prévalence de l'insuffisance alimentaire</i>	34
<i>Annexe Tableau 3. Prévalence de la pauvreté alimentaire critique</i>	35
<i>Annexe Tableau 4. Part des dépenses de consommation alimentaire par source d'approvisionnement</i>	36
<i>Annexe Tableau 5. Part de la consommation énergétique alimentaire par source d'approvisionnement</i>	37
<i>Annexe Tableau 6. Coefficient de variation</i>	38
<i>Annexe Tableau 7. Coefficient de gini</i>	39
<i>Annexe tableau 8. Ratios de dispersion</i>	40
<i>Annexe Tableau 9. Consommation alimentaire en valeur nutritionnelle</i>	41
<i>Annexe Tableau 10. Quantités consommées par groupe d'aliments</i>	42
<i>Annexe Tableau 11. Valeurs des nutriments par groupe de produits</i>	43
<i>Annexe Tableau 12. Contribution de chaque nutriment pour 1000 Kcal</i>	44
<i>Annexe tableau 13. Contribution en valeur énergétique de chaque nutriment par groupe de produits</i>	45

RESUMO EXECUTIVO

Segundo os resultados da análise dos dados da despesa no consumo segundo o Inquérito às Despesas e Receitas Familiares (IDRF 2001/02), realizado pelo Instituto Nacional de Estatística, mais de um habitante em cada dois em Cabo Verde, sofria de sub-alimentação em 2001/02 e quase uma pessoa em cada cinco se encontrava em situação de pobreza alimentar crítica.

Os grupos mais tocados pela sub-alimentação eram: a) agregados com seis ou mais pessoas; b) com chefe de 45 anos ou mais; c) não escolarizado; d) sem sem qualificação profissional.

É de salientar que entre esses grupos, a sub-alimentação era mais crítica nos agregados com seis ou mais pessoas (74%). A pobreza alimentar crítica era mais elevado entre agregados rurais, com chefe de agregado homem.

O consumo energético médio de um cabo-verdiano era de 1950 Kcal/dia, com uma despesa média por dia de aproximadamente 88 Escudos, registando uma grande discrepância entre o meio urbano e rural (108 escudos no meio urbano e 64 escudos no meio rural).

Cerca de um terço do consumo total dos agregados familiares cabo-verdianos dizia respeito à alimentação, com maior proporção no meio rural, principalmente entre agregados chefiados por mulheres (41%).

O regime alimentar cabo-verdiano era baseado essencialmente em cereais e óleo vegetal. O consumo de legumes, carne e leite/queijo representavam respectivamente 9%, 4% e 5% do consumo energético alimentar total.

Com uma contribuição de 10% de proteínas, 26% de gorduras e de 64% de glícidos no consumo energético total, o regime alimentar do cabo-verdiano era em relação à norma recomendada pela FAO e pela OMS, apesar de muito rico em lípidos e muito próximo do limite inferior recomendada em proteínas, segundo a norma.

LISTA DE ABREVIACÕES

CEA – Consumo Energético Alimentar

CV – Coeficiente de Variação

DEUV – Valor Energético Unitário da Dieta

DÛ – em Função

ESC. – Escudos

FAO – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação

FSSM - Logiciel d'analyse des statistiques de Sécurité alimentaire (Food Security Statistics Module)

G – Grama

IDRF – Inquérito às Despesas e Receitas Familiares

INE – Instituto Nacional de Estatística

Kcal – Quilocaloria

OMS – Organização Mundial da Saúde

UNU – Universidade das Nações Unidas

I. INTRODUÇÃO

Situação Económica do País

Em 27 anos de independência, numa situação de inexistência de recursos naturais clássicos, o Produto Interno Bruto do país multiplicou-se por 80, ou seja, passou de 950 mil contos em 1975 para aproximadamente 75 milhões de contos em 2002. Cresceu a riqueza nacional, mas as condições de vida melhoraram consideravelmente. Após esses anos, a população do país tem uma vida mais longa e mais saudável, mas também é mais culta e com maior acesso ao conhecimento. Nos últimos doze anos, o Índice de Desenvolvimento Humano cresceu cerca de 14%, passando de 0,587 em 1990 a 0,670 em 2002.

Neste momento, o país deixou o grupo dos Países Menos Avançados (PMA) para passar ao grupo dos Países de Desenvolvimento Médio. A economia é actualmente de serviços, quer pela sua contribuição ao PIB (75,3 em 2002) quer pela geração de empregos (55%). O destaque é claramente o sector turístico.

Contudo pode ocorrer que o aumento da riqueza seja feita com aumento das desigualdades e muitos indivíduos não se apropriem dos frutos do desenvolvimento e não acompanhem a evolução do nível de vida, continuando ou então tornando-se pobres.

Segundo o perfil da pobreza elaborado pelo INE com base nos dados do Inquérito às Despesas e Receitas das Famílias, 36,7% da população cabo-verdiana é pobre, sendo que 86% dessa população é muito pobre, representando 20% da população total.

Objectivos do Relatório

Os objectivos gerais deste relatório são:

- ✓ Apresentar os resultados da análise sobre o consumo e a segurança alimentar do país a partir dos dados do IDRF
- ✓ Fornecer inputs para a planificação, gestão de programa e tomada de decisão concernentes a políticas económicas e sociais

Para se atingir os objectivos estabelecidos, quatro questões principais guiam a elaboração deste relatório:

1. Qual a incidência e a intensidade da sub-alimentação e da pobreza alimentar?
2. Quais os factores determinantes da situação alimentar?
3. Quem são os principais grupos de risco no que tange à carência alimentar e à pobreza alimentar?
4. Qual é o nível de desigualdade de acesso ao alimento?

II. DISCRICÃO DO INQUÉRITO

II.1 – O inquérito

O Inquérito IDRF 2001/02, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística e cujo o período de recolha de dados foi de 23 de Outubro 2001 a 20 de Outubro 2002, cobriu todo o território nacional, sendo a população alvo, os agregados familiares residentes em alojamentos não colectivos

Foi realizado por amostragem, sendo a amostra de tamanho 4824 agregados familiares, 2610 nos centros urbanos e 2142 nas zonas rurais. No entanto, os dados do consumo alimentar de 274 agregados não foram utilizados nesta análise.

Para o estudo, recolheu-se os dados relativos à quantidade de alimento ingerido nos agregados e as despesas de consumo alimentar, que compreende não só a quantidade de produtos alimentares adquiridos, mas também o seu valor monetário. Estas informações, foram recolhidas em 3 diferentes questionários:

- **Questionário B – ALIMENTAÇÃO** – onde se registou a ingestão diária de alimentos, durante 7 dias;

- **Questionário C – DESPESAS DIÁRIAS – FAMÍLIA** – despesas diárias (alimentares e não-alimentares) do agregado familiar. Este questionário colecta todas as informações relativos às despesas, em alimento e outras, dos agregados durante 15 dias, registando o produto, sua quantidade (expressa na unidade de medida comumente utilizado por cada tipo de produto), o valor monetário por origem do produto (compra, auto-consumo e auto-abastecimento) e o tipo de estabelecimento onde a compra foi realizada.

- **Questionário D – DESPESAS DIÁRIAS – INDIVIDUAL** – onde se registou todas as compras efectuadas por cada membro e agregado, com idade igual ou superior a 10 anos, para consumo individual, durante os mesmos 15 dias que o Questionário C, registando o produto, sua quantidade (expressa na unidade de medida comumente utilizado por cada tipo de produto), o valor monetário pago pelo do produto e o tipo de estabelecimento onde a compra foi realizada.

A amostra global utilizada para análise, contém 4554 agregados familiares que responderam aos Questionários C e D. Entre estes agregados, 2028 responderam igualmente ao Questionário B, para coleta de informação sobre o produto e a quantidade efectivamente preparada para refeição.

II.2 – O tratamento

A partir do Questionário A, foram utilizados todas as informações que permitiu identificar os grupos populacionais para a análise socioeconómica da segurança alimentar e determinar as necessidades em calorias e em macro nutrientes (proteínas, glícidos e lípidos) de cada indivíduo do agregado familiar, por dia.

Do questionário C, foi utilizada todas as informações do consumo de produtos alimentares, tanto comprados, como auto-consumidos, bem como de auto-abastecimento.

Do questionário D, foram utilizadas as informações referentes ao consumo de produtos alimentares, consumidos individualmente.

Tendo sido registadas as informações referentes à quantidade dos produtos consumidos, utilizando unidades de medida diversas, houve a conversão de todas as unidades numa única – o grama, utilizando os coeficientes da densidade.

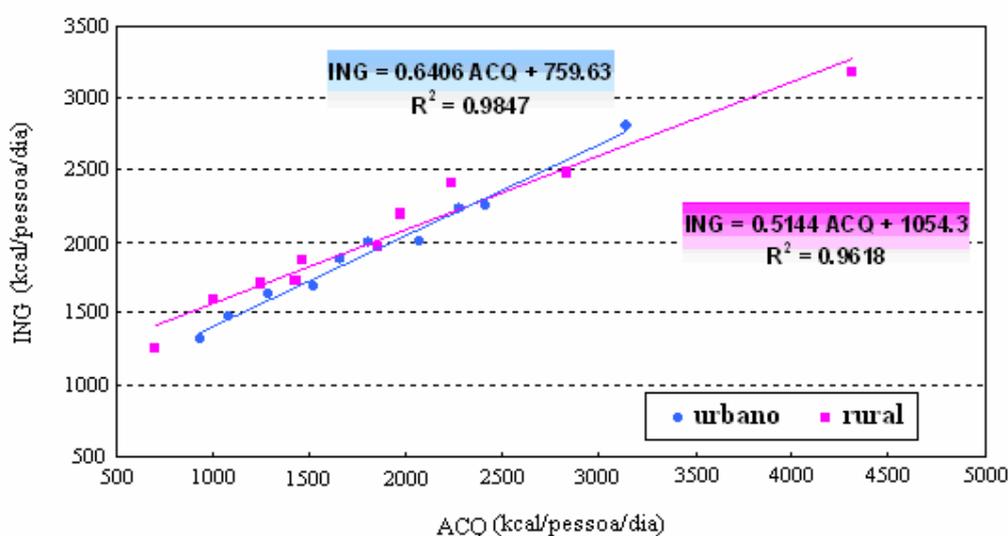
Posteriormente, utilizando a tabela de composição de alimentos (tabela portuguesa adaptada), foi calculada a quantidade, em calorias e macronutrientes, consumida no agregado familiar.

Conhecendo a necessidade e o consumo, foi calculado o nível de consumo, de calorias e macronutrientes, por agregado familiar.

Quanto ao consumo alimentar em valor monetário, utilizou-se os dados do valor monetário do consumo, corrigido com dados dos preços dos produtos, recolhidos no IPC, durante o período que decorreu o inquérito.

Contudo, a análise dos dados do consumo dos bens adquiridos (ACQ) pelos agregados (Questionários C e D) não reflete perfeitamente o consumo dos agregados em termos de ingestão energética alimentar (ING) recolhido no Questionário B. A relação linear estabelecida entre os valores energéticos ACQ e ING no meio urbano e rural, apresenta uma grande correlação entre estes dois tipos de consumo, como mostra o gráfico 1 e as equações, seguintes.

Gráfico 1.- Consumo dos bens adquiridos (ACQ) e ingestão energética alimentar (ING) a nível urbano e rural



Os dados relativos ao consumo dos agregados familiares em termos de consumo energético não foram tomados em conta para a análise da segurança alimentar, pois estes dados foram colectados num número limitado de agregados familiares (2028) onde a receita foi menor

do que a média nacional e ainda mais, os dados não continham informação sobre o consumo individual fora dos agregados familiares em que pertencem, consumo este que representa uma parte importante da despesa alimentar total dos agregados cabo-verdianos (13%). Ainda mais, os valores monetários correspondentes a estes dados do consumo alimentar não foram registados no questionário.

Os dados de consumo utilizados para a análise, foram então extrapoladas a partir de dados dos bens adquiridos (ACQ), tendo como parâmetro os coeficientes de estimação derivados do ajustamento linear entre a ingestão energética alimentar (ING) e o consumo dos bens adquiridos (ACQ), realizado numa amostra reduzida e 2025 agregados familiares, tendo em conta as zonas urbanas e rurais. Esta metodologia permite assim, integrar todas as informações disponíveis relativas, tanto às despesas do consumo alimentar e a ingestão energética alimentar.

III. RESULTADOS

De forma a melhor poder determinar o grupo de risco, a análise da situação da carência alimentar em Cabo Verde foi realizado a nível nacional e alguns subgrupos. Desta forma. A população foi agrupada segundo o meio de residência (urbano/rural), a região (Ilha de Santiago e Outras ilhas), a receita e o tamanho do agregado familiar, bem como o sexo do chefe do agregado, sua idade, seu nível de instrução e sua ocupação.

Os dados foram recolhidos nas 9 ilhas habitadas de Cabo Verde. Seria interessante analisá-los por cada ilha, mas por razão do número de agregados familiares insuficientes em certas ilhas (inferior que 100), estes sub-grupos foram reagrupados de forma a permitir uma análise da carência alimentar relativamente robusta. O reagrupamento foi feito da seguinte forma:

**Tabela 1 - Reagrupamento das Ilhas - Cabo Verde IDRF
2001/02**

		Regiões	
		Santiago	Outras Ilhas
	Sto. Antão		463
	São Vicente		716
	São Nicolau		117
	Sal		174
ILHA	Boa Vista		98
	Maio		95
	Fogo		355
	Brava		112
	Santiago	2454	

Os dados relativos às despesas totais foram utilizados como aproximação das receitas dos agregados, pois, os dados referentes à receita obtida do inquérito registam-se lacunas a nível da colecta.

Finalmente, os dados sobre as características da população (idade, sexo e altura) foram utilizados para determinar o valor da necessidade energética mínima, quer a nível nacional, quer a nível mais desagregado.

Nota-se que todos os indicadores presentes nesta secção foram obtidos utilizando aos procedimentos estatísticos desenvolvidos pela Divisão de Estatística da FAO, sobre as estatísticas de segurança alimentar (FSSN em Inglês).

III.1. Incidência da carência alimentar

1- Determinação da necessidade energética mínima em Cabo Verde

A prevalência da carência alimentar se refere à proporção da população cujo consumo energético alimentar se situa abaixo da necessidade energética mínima (ver anexo). A necessidade energética mínima dum população é calculada a partir de informações antropométricas dos indivíduos da população (idade, sexo e altura). Estes dados estão disponíveis, através do IDRF 2001/02, pelo que foi possível calcular a necessidade energética mínima ao nível nacional e de alguns subgrupos.

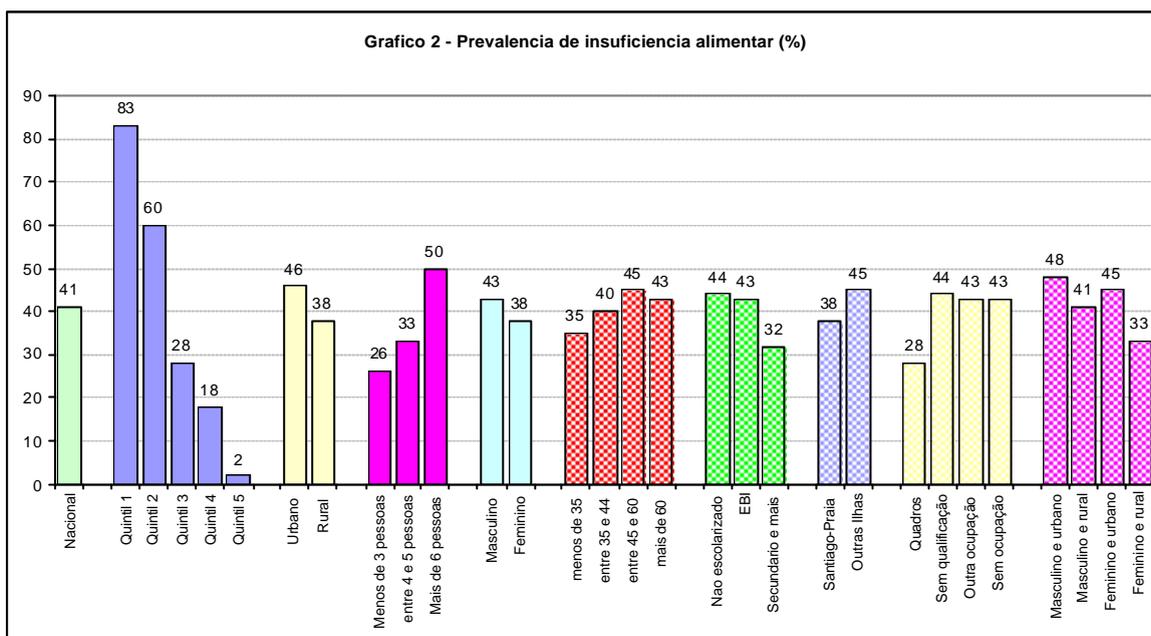
Segundo os dados, no meio urbano a necessidade energética mínima era igual a 1788 Kcal/pessoa/dia e foi cerca de 60 Kcal a menos do que no meio rural. Nos agregados familiares dirigidos por mulheres verifica-se que a necessidade energética mínima foi mais baixa (1719 Kcal/pessoa/dia) do que nos chefiados por homens (1790 Kcal/pessoa/dia).

Numa análise combinada do meio de residência e o sexo do CA, fazia transparecer igualmente grandes disparidades na necessidade energética mínima. O quadro 1, em anexo, dá-nos os diferentes valores das necessidades energéticas mínimas por sub-grupos da população.

Por este efeito, a prevalência da carência alimentar foi analisado tendo em conta a necessidade energética mínima próprio de cada sub-grupo da população.

2- Nível de prevalência da carência alimentar

Em 2002, o nível de carência alimentar em Cabo Verde era muito alto, a nível nacional e de alguns sub-grupos (Ver Gráfico 2). Os dados mostram que mais de 2 pessoas em 5 (41%) tinham um consumo inferior à BEM nacional, que era de 1760 Kcal/pessoa/dia e com maior incidência no meio urbano (46%) do que no rural (38%).



A prevalência da carência alimentar é muito diferenciada quando analisado por nível de receita do agregado. Verificava-se que 8 indivíduos em cada 10 pertencentes ao grupo dos 20% dos agregados onde a receita era mais baixa (Quintil 1) sofre de carência alimentar, contra somente 2% dos indivíduos, entre os 20% de agregados mais ricos. Apesar de menos crítico, a prevalência da carência alimentar foi igualmente muito elevada entre os agregados do Quintil 2 do rendimento, com 6 pessoas em cada 10 sofrendo da carência alimentar. Estes níveis muito elevados da prevalência observada entre os agregados do Quintil 1 e Quintil 2 de rendimento, deve ser relacionado com o baixo consumo energético alimentar desses agregados, que era muito abaixo da necessidade calórica mínima.

Na ilha de Santiago, a incidência era ligeiramente inferior que a média nacional (38%), enquanto que nas restantes ilhas¹ era de 45%.

A prevalência da carência alimentar era mais elevada entre os agregados cujo chefe era homem (43%) que nos chefiados por mulheres (38%). A desigualdade aprofunda-se entre os agregados familiares urbanos dirigidos por homem e agregados rurais dirigidos por uma mulher, com uma prevalência de quase 1 pessoa em cada dois (48%), sofrendo da subalimentação, contra 1 por 3 (33%).

No que se refere à ocupação do chefe do agregado, a incidência da carência alimentar era maior no seio dos agregados com chefe sem qualificação (44%). Verifica-se que nos agregados com CA com outra ocupação ou sem ocupação, o valor registado era de 43%. É nos agregados cujo chefe pertence à categoria de quadros que se verificava o valor mais baixo, quase metade da média nacional (28%).

Finalmente, as pessoas em risco de insegurança alimentar pertencem aos agregados a) urbanos com chefe homem; b) pertencente ao grupo dos 20% dos agregados com rendimento mais baixo; c) constituído por 6 pessoas ou mais; d) cujo chefe pertencia ao grupo de idade 45 ou mais; e) com o CA sem escolarização ou que não ocupa um posto de quadro.

¹ Por razões de tamanho da amostra, optou-se por analisar dois sub-universos: Ilha de Santiago e as restantes ilhas.

III.2. Intensidade da carência alimentar

Segundo os dados sobre a estrutura por idade e sexo da população e a altura das mulheres e crianças com menos de 5 anos, em Cabo Verde, a necessidade energética mínima correspondia à 1760 Kcal/pessoa/dia. O consumo energético alimentar médio da população com carência alimentar era de 1454 Kcal/pessoa/dia. O nível energético médio necessário para este grupo atingir a necessidade energética mínima era de 306 Kcal/pessoa/dia (Gráfico 3).

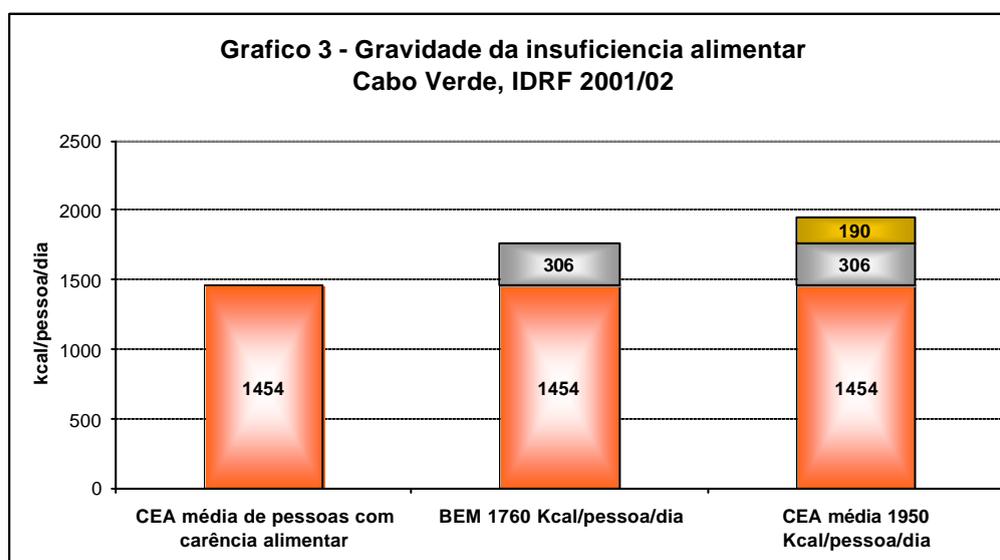
Para fazer chegar o consumo energético das pessoas com carência alimentar ao nível do consumo médio nacional, era necessário um aumento de consumo energético médio suplementar de 190 Kcal. A análise por meio de residência, revela um maior desequilíbrio entre a necessidade energética mínima média e o consumo energético alimentar médio.

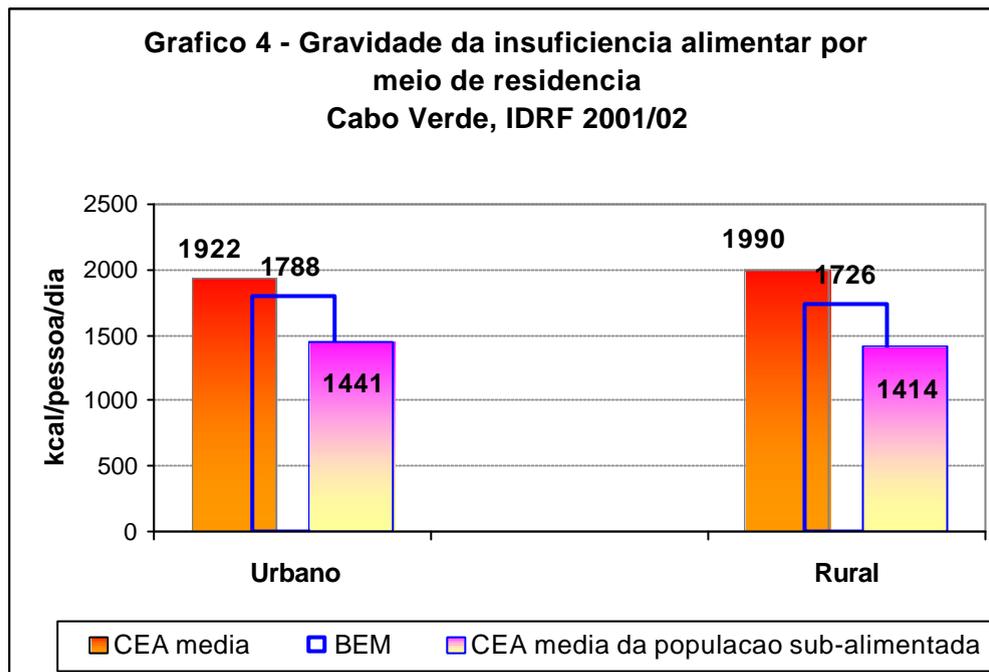
No meio urbano, o consumo energético alimentar médio era de 1922 Kcal/pessoa/dia, por uma necessidade energética mínima de 1788 Kcal/pessoa/dia, enquanto que no meio rural era de 1990 Kcal/pessoa/dia de consumo energético alimentar médio para uma necessidade energética mínima de 1726 Kcal/pessoa/dia (Gráfico 4).

A análise em função do meio de residência mostra que o consumo energético alimentar médio das pessoas com carência alimentar era ligeiramente maior no meio urbano que no meio rural (1441 e 1414 Kcal/pessoa/dia, respectivamente), a necessidade era maior no meio urbano que no meio rural e a situação das pessoas com carência alimentar era mais crítico nas zonas urbanas do que nas zonas rurais.

Com efeito, para atingir a necessidade energética mínima, as pessoas com carência alimentar das zonas urbanas deviam aumentar o seu consumo diário de 348 Kcal, contra 312 Kcal nas zonas rurais.

De toda a forma, o desvio em relação ao consumo energético alimentar médio era mais importante nas zonas rurais do que nas zonas urbanas, pois, as pessoas com carência alimentar das zonas rurais deviam aumentar o seu consumo de 576 Kcal por forma a atingir os 1990 Kcal consumidos nem média nas zonas rurais, contra um aumento de 481 Kcal nas zonas urbanas para atingir os 1922 Kcal consumidos em média.





	Cabo Verde	Urbano	Rural
Consumo energético médio da população sub-alimentada	1454	1441	1414
Necessidade energética mínima (Kcal/pessoa/dia)	1760	1788	1726
Desvio energético necessário para atingir a necessidade energética mínima (Kcal/pessoa/dia)	306	347	312
Consumo energético alimentar médio (Kcal/pessoa/dia)	1950	1922	1990
Desvio energético necessário para atingir o consumo energético alimentar (Kcal/pessoa/dia)	496	481	576

III.3. Pobreza Alimentar Crítica

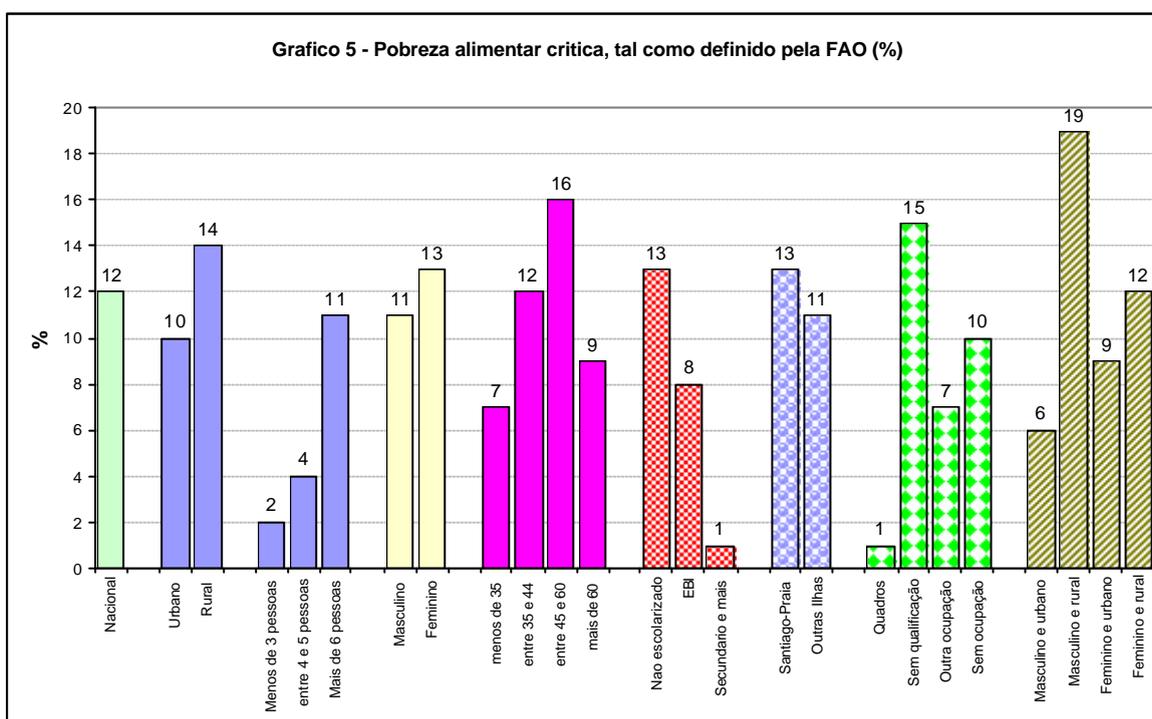
A prevalência da pobreza alimentar crítica² corresponde à proporção da população cujo rendimento é inferior ao custo de um cabaz de consumo alimentar equilibrada do ponto de vista dos macro-nutrientes e equivalente à necessidade energético alimentar mínima. O

² **Pobreza alimentar crítica:** proporção da população cujo rendimento é insuficiente para cobrir as despesas de consumo alimentar correspondente à sua necessidade energética mínima.

custo desta cesta é avaliado, utilizando os custos unitários dos macro-nutrientes correspondentes ao consumo alimentar do Quintil 1 do rendimento.

Um cabaz alimentar é equilibrado do ponto de vista dos macro-nutrientes, quando as proteínas, lípidos e glúcidos, contribuem respectivamente com 12,5%, 22,5% e 65% do aporte energético alimentar.

A pobreza alimentar crítica, medida a partir da distribuição das despesas totais do agregado familiar, foi estimado em Cabo Verde em 55,71 ECV/pessoa/dia fixando em 12% a percentagem de pessoas em situação de pobreza alimentar crítica. Isto quer dizer, que cerca de 1 caboverdiano em cada 10 não dispunha de rendimentos necessários para aceder a um consumo alimentar que compensasse a sua necessidade energética mínima (Gráfico 5).

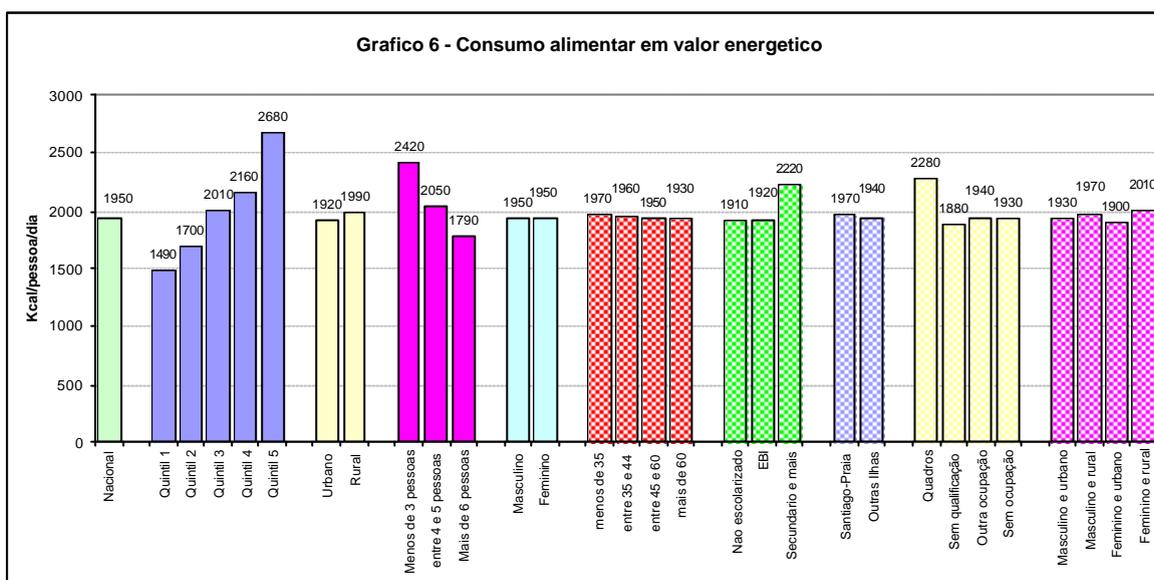


Analisando o fenómeno, tendo em conta as diferenças dentro da população, verifica-se que se encontra em situação de pobreza alimentar crítica 14 de pessoas no meio rural, contra 10% no meio urbano. No que diz respeito ao sexo do chefe do agregado familiar, verifica-se que a nível nacional a incidência da pobreza alimentar crítica era mais elevada no seio de agregados com chefe mulheres. Quando analisados os agregados por meio de residência e sexo do Chefe do Agregado, era nos agregados familiares rurais e chefiados por homens que a pobreza alimentar crítica era mais severa, atingindo cerca de uma pessoa em cada cinco, e era o nível de prevalência mais alta de todos os outros subgrupos da população.

III.4. Consumo Alimentar e Despesa Alimentar

Analisando a dieta alimentar através do consumo energético médio, verifica-se que a nível nacional o consumo alimentar médio era de 1950 Kcal/Pessoa/dia (Gráfico 6). Este valor encontrava-se abaixo da necessidade energética média (2190 Kcal/Pessoa/dia) e acima do valor da necessidade energética mínima (1760 Kcal/Pessoa/dia).

Constata-se também que o valor do consumo energético médio encontrava-se abaixo da necessidade energética mínima nos seguintes grupos: os dois primeiros quintis de rendimento (1490 Kcal/Pessoa/dia para o primeiro e 1700 Kcal/Pessoa/dia para o segundo) e agregados com mais de 6 pessoas (1790 Kcal/Pessoa/dia).

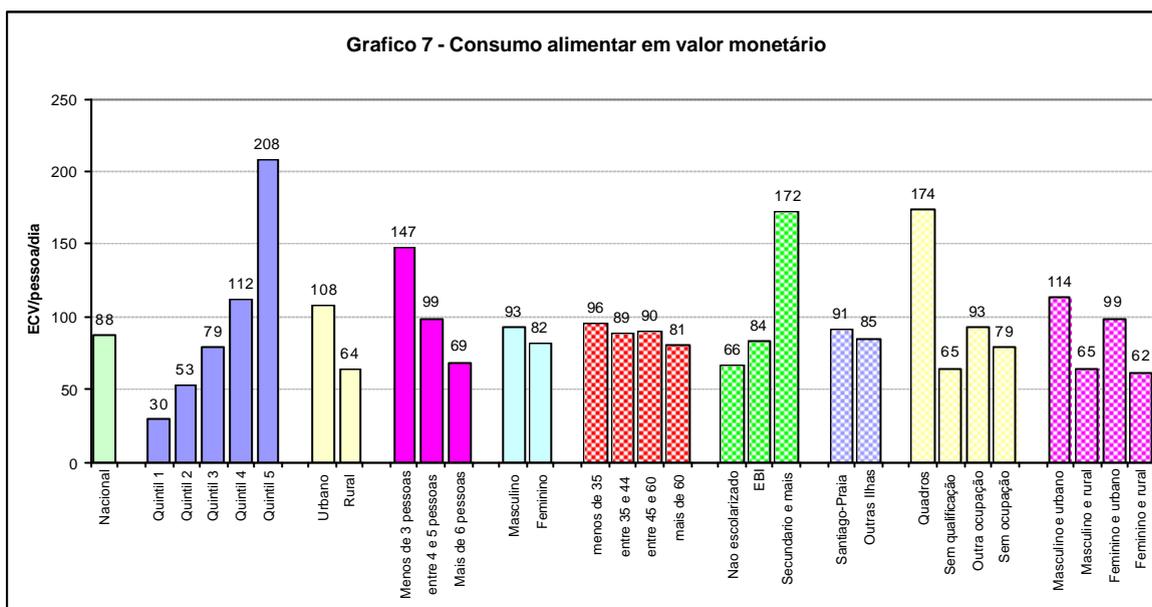


A despesa média diária com a alimentação era de 88 escudos/pessoa/dia e o custo por cada 1000 Kcal era de 45\$21³. Em média, a alimentação correspondia a 1/3 da totalidade do consumo monetário diário do cabo-verdiano (Gráficos 7 e 8).

Verifica-se que, apesar da diferença existente no consumo em termos energéticos entre o meio urbano e rural, existe uma grande diferença em termos de custo monetário de cada 1000 kcal. Assim, no meio rural, o custo por 1000 kcal era de 32\$12 enquanto que no meio urbano era de 56\$28. Esta diferença era, no entanto, pouco acentuada comparando a Ilha de Santiago e as restantes ilhas (46\$17 e 44\$05, respectivamente).

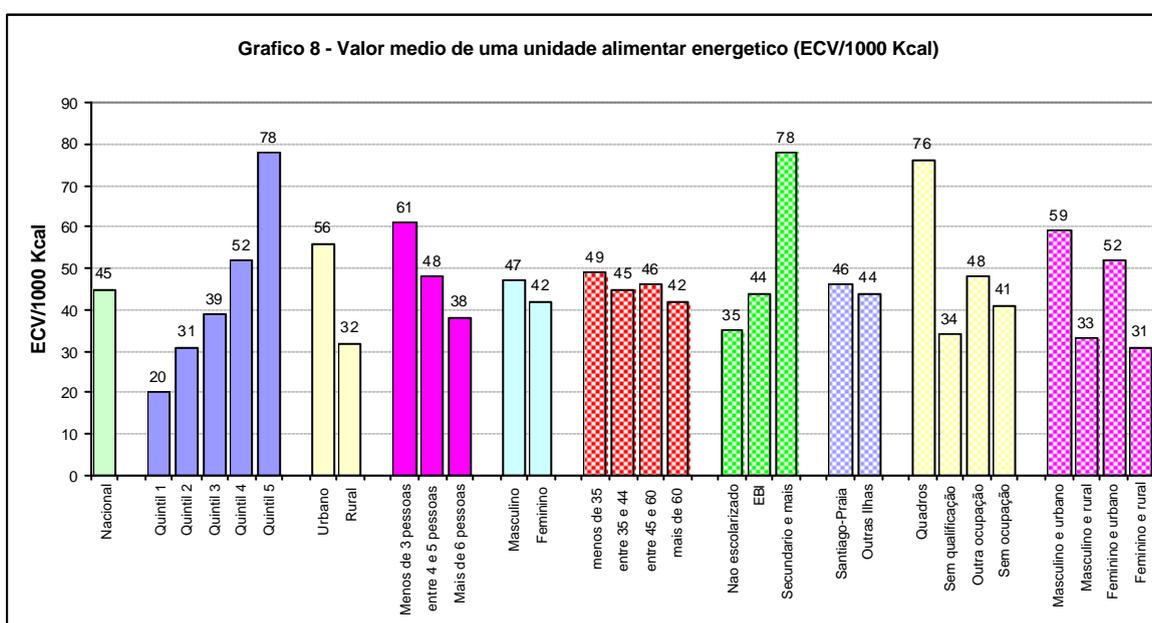
Os grupos de risco, em termos da despesa de consumo alimentar eram: a) agregados familiares dos dois primeiros quintis de rendimento; b) agregados familiares constituídos por seis ou mais indivíduos; c) agregados cujo chefe não era escolarizado e sem ocupação ou qualificação (Gráfico 7).

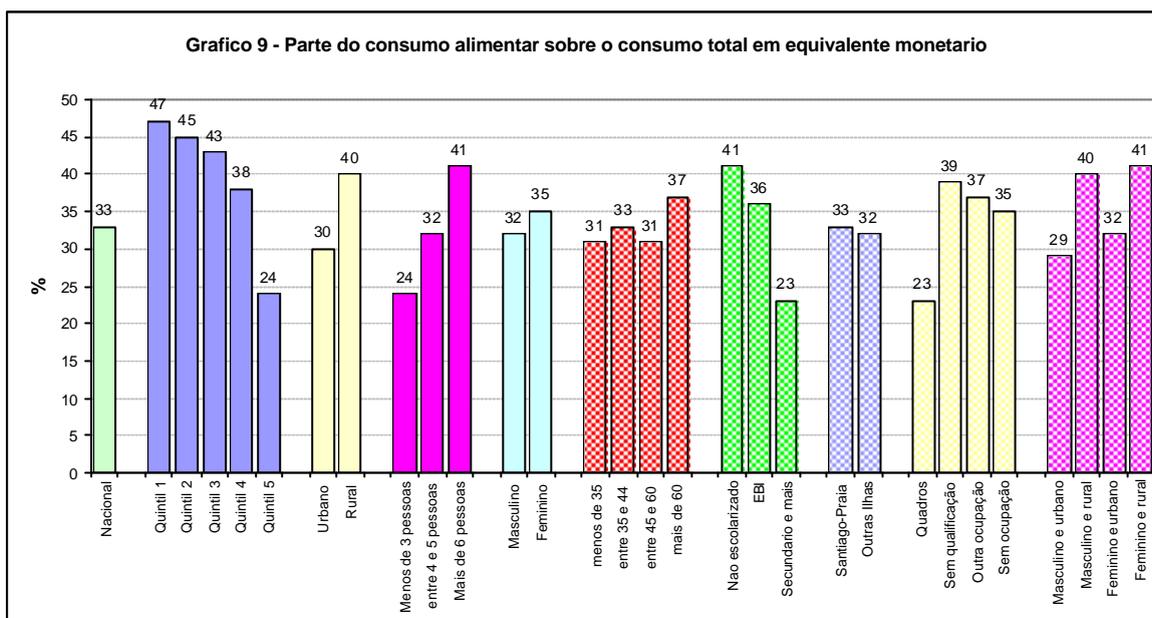
³ Corresponde ao custo de 1000 Kcal de energia nutricional consumida, excluindo os custos necessários para a preparação dos alimentos.



Quanto ao valor monetário do consumo alimentar, estava muito abaixo da média nacional, nos agregados dos três primeiros quintis de rendimento, residentes no meio rural, com seis ou mais pessoas, cujo chefe é mulher não escolarizada e sem qualificação.

Para estes mesmos grupos, o peso do consumo alimentar no consumo total, em valor monetário por pessoa e por dia, era alto e superior à média nacional (33%) – Gráfico 9.

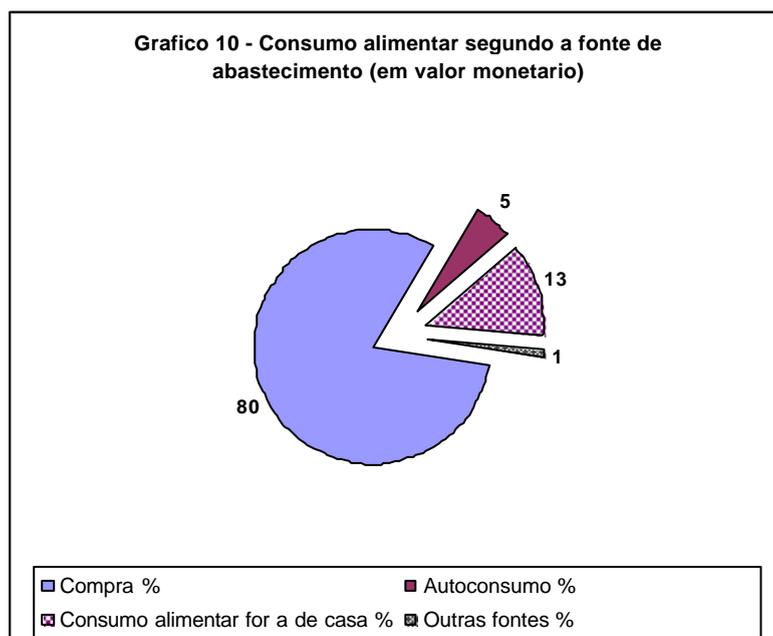




Quanto à origem dos alimentos consumidos pelos agregados familiares, 80% provinha da compra, isto em todos os subgrupos da população, exceção feita aos agregados familiares rurais, onde a compra representa cerca de 74% da despesa de consumo e onde o autoconsumo atinge a 13,6% do consumo total, em valor monetário, contra os 5,2% observados ao nível nacional (Gráfico 10).

A contribuição de outras fontes (doação, troca, etc,...) era pouco significativo (1,5%). Pelo contrário, a parte do consumo alimentar feito fora do agregado era significativa (13%).

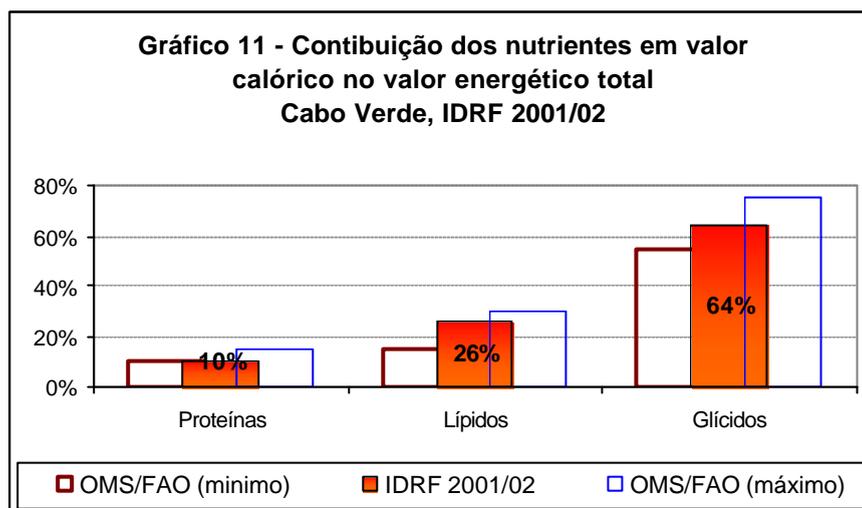
Os agregados do meio rural, pertencentes aos 3 primeiros quintis do rendimento, cujo chefe tem idade igual ou superior a 60 anos e com uma ocupação mas sem qualificação, tinham um nível de autoconsumo superior à média nacional.



III.5. Composição da Dieta Alimentar

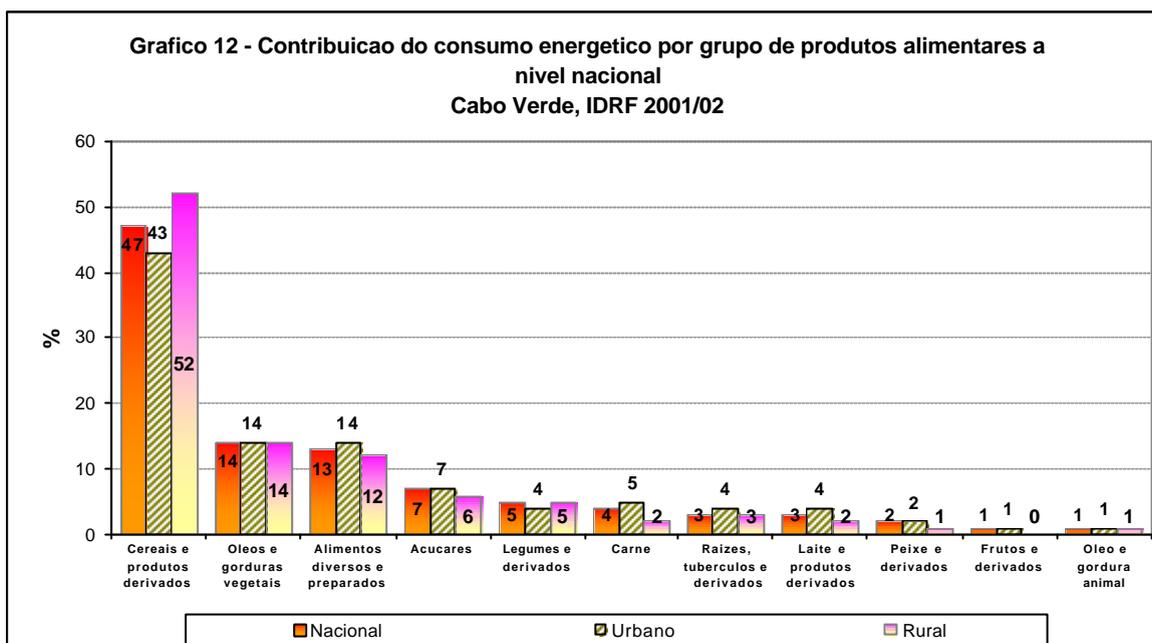
Uma dieta equilibrada deve ser composta de 10 a 15% de proteínas, 55 a 75% de glúcidos e 15 a 30% de lípidos, segundo as recomendações da OMS.

Pelos dados, constata-se que a dieta alimentar dos cabo-verdianos era relativamente pobre em proteínas, rica em lípidos e o consumo de glúcidos estava dentro das normas recomendadas (Gráfico 11).



Os cereais eram, de longe, os alimentos mais consumidos pelos cabo-verdianos, representando 47% da ingestão energética alimentar total. A seguir, aparecia em segundo lugar os óleos e gorduras vegetais, com uma contribuição de 14%, sendo de 29 gramas/pessoa/dia. A contribuição da carne, dos produtos leiteiros e de peixe, representava entre 4 a 2%, do consumo energético médio.

A contribuição dos cereais eram mais importantes no meio rural do que no meio urbano, com uma contribuição de 52% e 43%, respectivamente (Gráfico 12). No que concerne aos outros grupos de produtos alimentares, a distinção entre o meio de residência não era significativa.



As despesas de consumo nos cereais ou nos alimentos já preparados eram mais elevadas, representando uma despesa diária por pessoa, superior a 14\$50 CVE, para uma quantidade de consumo diário de 255g e 11,6g, respectivamente. A seguir, nos legumes a despesa era de 12 CVE, para um consumo equivalente a 83 gramas/pessoa/dia.

O peixe representava praticamente, a mesma quantidade de consumo diário que a carne, para um custo, no entanto inferior.

No que diz respeito ao valor energético, os cereais e óleo vegetal, juntos, representavam mais do que 60 % do valor total médio da energia consumida por pessoa/dia (Tabela 3). Apesar da carne e peixe serem as melhores fontes de proteínas de alta qualidade biológica, em realidade, os cereais representavam maior contribuição em proteína e de glícidos no regime alimentar do cabo-verdiano.

Tabela 3: Consumo alimentar – Valor energético por grupo de principais produtos, nível nacional

Grupo de produtos	Valor energético alimentar	
	Kcal/pessoa/dia	% do total
Cereais e produtos derivados	924,2	47,4
Óleo e gorduras vegetais	269,0	13,8
Alimentos diversos e preparados	263,1	13,5
Açúcares	139,6	6,7
Legumes e derivados	91,5	4,7
Carne	70,1	3,6
Raízes, tubérculos e derivados	63,9	3,3
Leite e derivados	57,2	2,9
Peixe e derivados	33,3	1,7
Óleo e gorduras animais	14,4	0,7

A média de proteínas consumidas a partir de cereais era quase 21gr/pessoa/dia, o que representa cerca de 42% do total de proteína consumida diariamente (Tabela 4). Juntos, a carne e o peixe forneciam somente a metade da proteína fornecida pelos cereais. Tudo isto se devia, obviamente, ao facto dos cereais, como já foi referido anteriormente, serem de longe o tipo de alimento consumido em maior quantidade pelos cabo-verdianos. O valor energético unitário da carne era igualmente 10 vezes maior que nos cereais, sendo de 170 ECV contra 18.3 ECV.

Tabela 4: Consumo Alimentar – Macro nutrientes por Grupo de Principais Produtos, a nível Nacional

Principais Produtos	Proteína		Glícidos		Lípidos	
	(gr/pessoa/dia)	(%)	(gr/pessoa/dia)	(%)	(gr/pessoa/dia)	(%)
Cereais e derivados	20.9	42	200.6	65	4.6	8
Legumes e derivados	6.3	12	15.4	5	0.6	1
Peixe e derivados	5.1	10	0.1	0	1.5	3
Carne	5.0	10	0.3	0	5.1	9
Leite e derivados	3.1	6	4.5	1	3.0	5
Raízes, tubérculos e derivados	1.1	2	11.6	4	1.5	3
Frutas e derivados	0.2	0	3.2	1	0.1	0
Óleo e gorduras vegetais	0.0	0	0.0	0	29.9	53

No que se refere ao valor energético unitário das proteínas, o peixe tinha um custo mais baixo do que as outras principais fontes. O mesmo acontecia com o açúcar e os cereais onde o custo era mais baixo na categoria de alimentos, principais fontes de glícidos e o óleo vegetal no grupo das fontes de lípidos (Tabela 5).

Tabela 5: Valor Energético Unitário por principais fontes de Nutrientes, a nível Nacional

Principais Fontes	Preço de 100 gramas (ECV)
Proteína	
Cereais	81,0
Peixe	165,2
Legumes e derivados	200,9
Carne	239,7
Leite e derivados	240,6
Ovos	279,1
Glícidos	
Açúcares	6,2
Cereais	8,5
Raízes e tubérculos	45,6
Legumes e derivados	82,0
Frutas *	108,6
Lípidos	
Óleo vegetal	19,5
Óleo animal	39,3
* Frutas em conservas, principalmente	

Quanto à contribuição dos principais nutrientes em cada 1000 kcal, a Tabela 6 permite verificar que:

- Em termos de proteínas, o peixe era a principal fonte, seguido dos ovos e da carne.
- As frutas e os cereais eram as fontes mais importantes de glícidos, assim como os vegetais e as raízes e tubérculos, mas em menor escala.
- O óleo vegetal era a principal fonte de lípidos. Os ovos e a carne também eram importantes.

Tabela 6: Contribuição dos Macro Nutrientes em cada 1000 Kcal, por grupo de Principais Produtos, a nível nacional			
Principais Produtos	Proteínas (g)	Glícidos (g)	Lípidos (g)
Cereais	22,6	216,2	5,0
Legumes	68,5	167,8	6,1
Carne	70,9	4,5	73,3
Peixe	149,6	1,6	43,9
Frutas *	13,4	218,6	8,0
Raízes e tubérculos	17,3	180,8	23,1
Ovos	87,1	0,0	72,4
Óleo vegetal	0,0	0,0	111,1
Leite e queijos	54,4	78,6	52,0
* Frutas em conservas, principalmente			

O Consumo alimentar dos principais grupos de alimentos variava de acordo com o nível de rendimentos do agregado familiar, isto é, quanto maior o nível de rendimento, maior era a quantidade média consumida por pessoa. A diferença era mais acentuada em relação às frutas, à carne, queijo e leite. O consumo médio de frutas do grupo do 5º quintil era oito vezes superior ao do primeiro quintil. O consumo médio da carne era 14 vezes superior e o de leite e queijo o sêxtuplo (Quadro III.5.6).

A desigualdade no consumo entre agregados do último quintil e do quintil 1 era menor nos cereais. Os agregados familiares em melhor situação económica tendencialmente consumiam menos cereais, alimento com alto teor calórico mas de custo energético unitário mais baixo, em detrimento de outros produtos, mais ricos em proteínas animais (carne, leite) ou ricos em fibras e vitaminas (frutas e legumes).

Tabela 7: Consumo Alimentar Médio em Quantidade (g/pessoa/dia), segundo Quintil de Rendimentos, por Principais Produtos, a nível nacional						
Grupos de alimentos	Quintil 1	Quintil 2	Quintil 3	Quintil 4	Quintil 5	Rácio de dispersão
Cereais	147,0	205,9	303,3	304,1	360,2	2,5
Carne	7,5	12,5	22,4	43,2	106,9	14,3
Peixe	13,9	22,9	29,8	39,9	63,6	4,6
Leite e derivados	5,9	12,4	16,4	23,4	54,6	9,3
Frutas	5,6	10,4	15,5	22,8	63,7	11,4
Raízes e Tubérculos	13,0	26,6	42,2	63,6	91,0	7,0
Vegetais	42,9	50,9	63,5	87,2	208,6	4,9

Não existem grandes diferenças do ponto de vista do consumo alimentar por grupo de alimentos entre Santiago e as restantes ilhas, quer a nível de quantidade quer a nível monetário. Em termos de quantidade, no resto do país havia um consumo médio ligeiramente menor de peixe, frutas, cereais e vegetais. Quanto ao valor monetário, a única diferença significativa diz respeito ao preço do consumo médio da carne, que era um pouco mais elevado na ilha de Santiago (Tabela 8).

Tabela 8: Consumo Alimentar Médio em Quantidade e Valor Monetário por grupos de alimentos, segundo Regiões.

Grupos de Alimentos	Consumo Alimentar Médio (g/pessoa/dia)		Consumo Alimentar Médio (esc/pessoa/dia)	
	Santiago	Outras Ilhas	Santiago	Outras Ilhas
Cereais	257,9	250,6	15,9	15,6
Carne	33,8	33,7	13,1	8,7
Peixe	33,3	29,8	8,2	7,4
Ovos	3,9	3,3	1,2	1,1
Leite e Queijo	19,3	21,5	6,4	7,6
Frutas	23,1	18,3	3,0	3,4
Raízes e Tubérculos	42,8	44,3	5,0	4,8
Vegetais	84,2	81,2	11,4	12,2

III.6. Desigualdade no consumo alimentar e de rendimentos

O alimento é indispensável para todo o indivíduo, em quantidade e qualidade suficiente para manutenção da vida e poder desenvolver as suas actividades do dia a dia.

Contudo, nem todos conseguem obter alimento em quantidade e qualidade necessária, devido à desigualdade na distribuição entre todos os indivíduos numa população versus um nível mínimo de consumo alimentar.

Essa desigualdade, ou dificuldade de acesso a alimento, pode ser explicada por diversos factores, sendo os mais pertinentes: a questão económica, a possibilidade de acesso ao mercado, o aprovisionamento do mercado, etc.

Este capítulo trata da desigualdade de acesso do consumo alimentar tanto ao nível energético como monetário, ao nível nacional e regional. A metodologia seguida é a adoptada pela FAO para estimar a proporção de indivíduos com carência alimentar e assenta sobre três parâmetros chaves, o consumo alimentar médio, a necessidade

energética média e o coeficiente de variação (CV) que mede as desigualdades do consumo alimentar entre os agregados familiares.

O CV (total) tal como definido pela FAO exprime as desigualdades do consumo energético induzido pela receita e as desigualdades de consumo induzido por outros factores, tais como a necessidade energética alimentar, que difere segundo o peso para uma dada altura, a idade e o sexo dos indivíduos e o nível de actividade física.

Os diferentes indicadores da desigualdade estimados no âmbito da análise da insegurança alimentar, são o coeficiente de variação (CV), o coeficiente de Gini, os rácios de dispersão e a elasticidade.

Qualquer variação na economia, quer seja negativa ou positiva, pode mudar o hábito alimentar, com implicação na necessidade energética requerida. Estas mudanças podem ter uma forte implicação na política da segurança alimentar.

1 - Acesso à alimentação: Desigualdade de consumo alimentar medida pelo CV

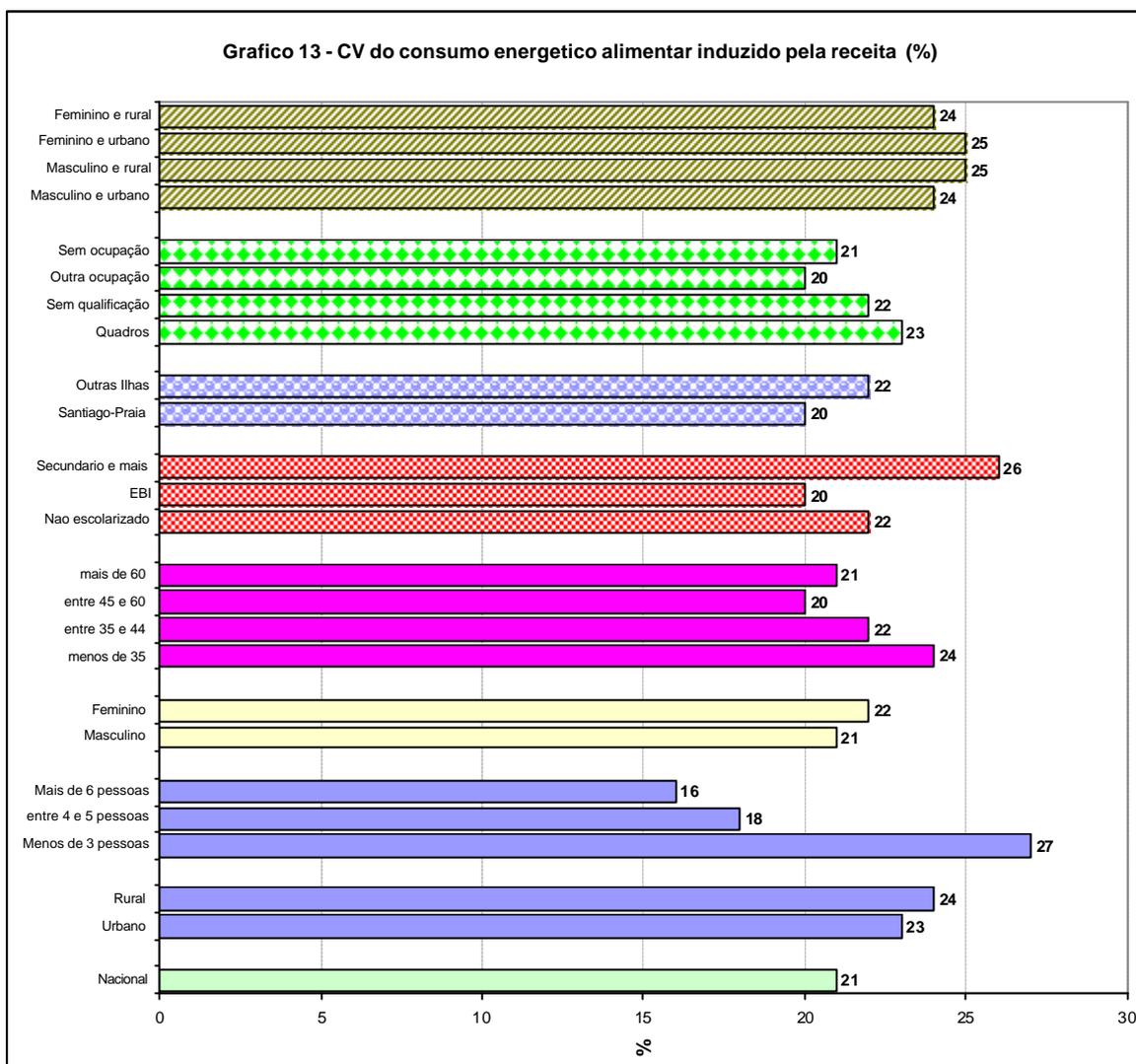
Para o estudo da desigualdade de consumo de alimento, seguimos principalmente dois eixos de análise: o valor energético consumido e o valor monetário despendido na alimentação do agregado.

- Desigualdade do consumo energético alimentar medida pelo CV

Em Cabo Verde existe uma grande desigualdade de consumo alimentar em valor energético (CV total = 29%). Quanto ao meio de residência, urbano e rural, não existe desigualdade de acesso ao consumo e acesso aos alimentos. O mesmo se verifica entre a Ilha de Santiago e Outras Ilhas, contudo em Santiago verifica-se maior igualdade que nas Outras Ilhas, com um CV de 20% contra 22%.

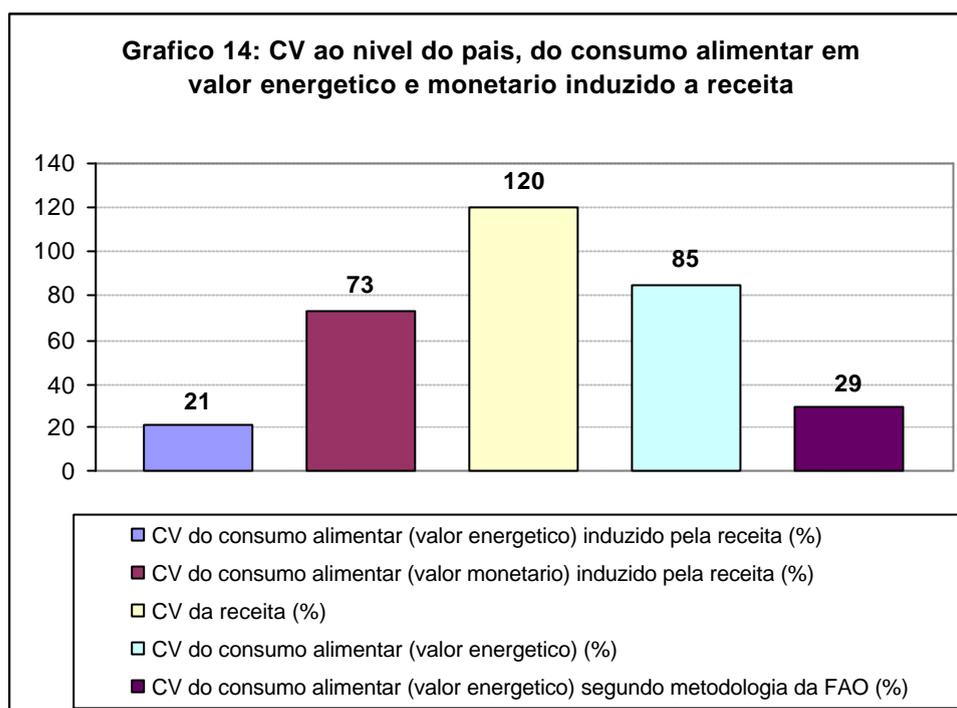
Pelo contrário, a desigualdade de acesso aos alimentos eram diferentes segundo o tamanho do agregado familiar. Assim, o acesso ao alimento era muito mais crítico nos agregados familiares formados por poucos indivíduos do que nos agregados com mais indivíduos, verificando um CV de consumo energético alimentar de 34% e 25%, respectivamente (Gráfico 13). Também, o nível de escolaridade do chefe do agregado ou sua ocupação

tendia a agravar as desigualdades. Verificou-se maior desigualdade entre agregados cujo Chefe tinha um nível de escolaridade alto ou era quadro.



O CV do consumo alimentar em valor energético em função do rendimento, a nível nacional, era de 21% e o do consumo alimentar em valor monetário, em função do rendimento, é 72,9%. Esta diferença explica-se essencialmente do facto que este último incluía as variações relacionados aos efeitos do preço dos alimentos (Gráfico 14).

O CV do rendimento total é de 119,7%, o que indica uma grande desigualdade de distribuição de rendimento.



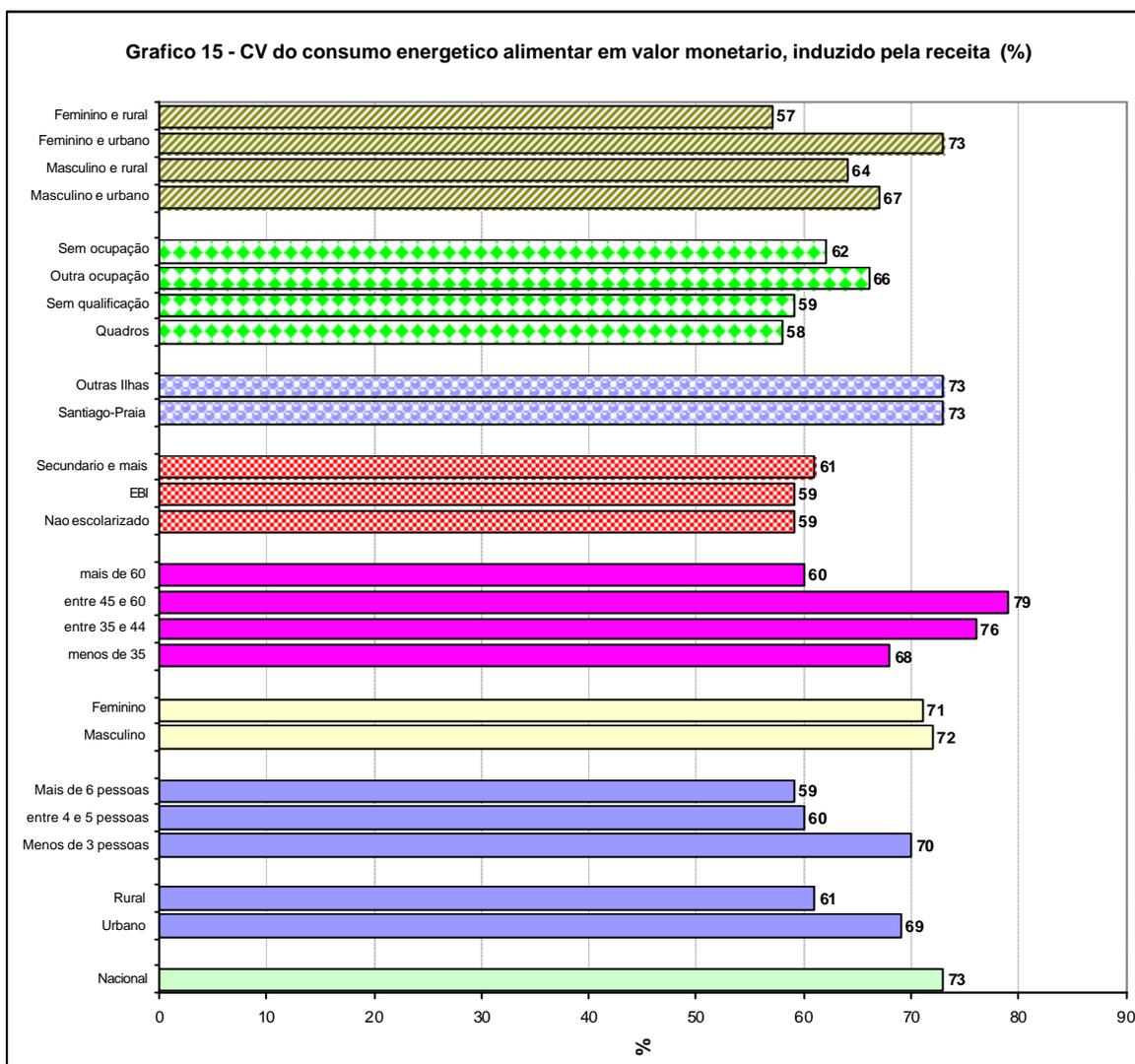
Enquanto que o CV do consumo alimentar (valor energético) em função do rendimento era idêntico entre o meio Rural e o Urbano, 24% e 23%, respectivamente, já em relação ao CV do consumo alimentar (valor monetário) em função do rendimento, a diferença da desigualdade entre o meio rural e urbano era maior, com uma CV de 61% contra 69% (Gráfico 15).

Isto pode ser explicado pela grande heterogeneidade de produtos existentes no mercado no meio Urbano e ainda na variedade do hábito alimentar e da grande diferença de rendimento existente.

Já no meio rural, pode estar relacionado com a oferta diferenciada nos mercados existentes.

As desigualdades entre as despesas de consumo dos agregados da Ilha de Santiago e das Outras Ilhas eram idênticas, com um CV de 73%.

Grande parte da desigualdade de acesso pode ser explicado pela desigualdade de receita dos agregados familiares. Comparando as diferentes sub-grupos da população em análise, mostra que a diferença era muito grande, variando de 76,3% observado entre os agregados familiares com grande número de indivíduos e 138,2% nos agregados familiares cujo chefe tinha idade compreendida entre 45 e 60 anos de idade.



2- Rácio de dispersão

A análise dos dados a nível nacional, mostra que o consumo energético alimentar dos agregados familiares do último quintil de receita era sensivelmente o dobro do dos agregados familiares do primeiro quintil, enquanto que o consumo alimentar em valor monetário era 6,8 vezes mais elevado. Ao nível do rendimento total, os agregados mais ricos tinham um rendimento 13,6 vezes superior.

Tanto dentro da Ilha de Santiago, como nas outras Ilhas, este rácio, em termos de consumo energético era igual à média nacional (1,8), mas o consumo em valor monetário, já era maior em Santiago (7,2) do que nas Outras Ilhas (6,5).

III.7. Os Objectivos Internacionais de Luta Contra a Sub-Alimentação (ODM e SMA)

Cabo Verde tem-se engajado internacionalmente para reduzir a proporção de pessoas que sofrem de sub-alimentação (ver Box. 1). No entanto, até este momento não havia nenhuma referência em termos numéricos para poder medir os progressos ou recuos em relação às metas estabelecidas nesta matéria (OMD).

Este relatório estabelece a base para que se possa, a partir de agora, medir, de forma concreta, a evolução da sub-alimentação no país e ver em que medida o país está a cumprir com os engajamentos internacionalmente assumidos.

Box 7.1. Compromissos Internacionais de Luta contra a carência alimentar

Objectivo da Cimeira Mundial da Alimentação: reduzir à metade, entre 1990-92 e 2015, o número de pessoas com carência alimentar

Objectivo 1 do Milénio para o Desenvolvimento, sub Objectivo 2: reduzir à metade, entre 1990 e 2015, a proporção de pessoas atingidas pela fome

In: FAO. *L'état de l'Insécurité Alimentaire dans le Monde 2006*. pag. 38

Neste momento, a prevalência da carência alimentar para o período 2001-2003 no país, é considerada muito alta, de acordo com a classificação da FAO. Cabo Verde integra, para o período 2001-03, o grupo de países com uma prevalência de carência alimentar igual ou superior a 35% (ver quadro 7.1.)

Quadro 7.1. Países com Incidência de Subalimentação Igual ou Superior a 35%

Ásia e Pacífico
Rep. Popular Democrática da Coreia
<i>Próximo Oriente e África do Norte</i>
Yémen
África Sub-sahariana
Angola
Burundi
Republica Centro Africana
Rep. Dem do Congo
Eritreia
Etiópia
Libéria
Madagáscar
Moçambique
Rwanda
Serra Leoa
Tanzânia
Zâmbia
Zimbabwe
Cabo Verde

Fonte: FAO. *L'état de l'Insécurité Alimentaire dans le Monde 2006*. pag. 37.

IV. CONCLUSÕES

Este relatório analisa a situação da segurança alimentar em Cabo Verde, usando os dados do consumo alimentar, obtidos a través do IDRF 2001/02.

Vários indicadores da segurança alimentar, particularmente a prevalência da subnutrição, assim como, um conjunto de estatísticas da segurança alimentar foram derivados ao nível nacional ou por subgrupos da população.

Estas informações são muito úteis, pois, permitem definir o perfil da população com carência alimentar e de localizar as populações em risco, para uma intervenção mais focalizado no combate contra a carência alimentar. Permite também, avaliar o impacto dos programas já implementados, para melhor situar os recursos disponíveis.

No entanto, estas estatísticas devem ser utilizadas com prudência, considerando as limitações dos dados alimentares disponíveis no IDRF 2001/02, em que o objectivo principal foram outros e não a análise da segurança alimentar. Contudo, este exercício prova que um inquérito às famílias deste tipo pode fornecer estatísticas fiáveis para avaliar e fazer o seguimento da situação alimentar no país e ao nível de alguns sub-grupos.

A seguir, serão indicadas algumas limitações encontradas e feitas algumas recomendações com finalidade de dispor, no futuro, de dados relativos ao consumo alimentar, o que irá permitir derivar indicadores mais fiáveis, mais conforme e comparáveis, para os tomadores de decisão, o que lhes permitirão avaliar os programas alimentares no combate e na redução da fome.

1. Limitações

Esta análise foi condicionada pelos limites seguintes:

- Grandes variações nos valores de quantidade que variam entre 0.1 gramas e 21 toneladas e que não correspondem ao consumo real dos agregados familiares. Os valores monetários registados, por vezes, não correspondiam ao registo das quantidades dos produtos.
- A tabela de conversão nutricional foi preparada a partir da tabela de composição de Portugal com um mínimo de conhecimento sobre os produtos alimentares em Cabo Verde.

- Os dados do consumo foram registadas em unidades de medidas não standard, o que dificultou na conversão dessas unidades em gramas e mililitros.
- O registo do nome de certos produtos alimentares não foram suficientemente precisos por forma a poder calcular o valor nutricional exacto desses alimentos.

2. Recomendações

a) Relativamente ao Inquérito

- A amostra deve compreender um número suficiente de agregados de forma a haver representatividade a nível nacional e regional e assim identificar melhor e localizar as populações que sofrem da sub-alimentação.
- Utilizar métodos harmonizados para facilitar a avaliação e o seguimento a nível local, nacional, regional e global ;
- Colectar os valores de medidas de quantidade, utilizando as unidades de medida padronizadas (as medidas não padronizadas devem ser harmonizadas em equivalente em gramas antes da digitação dos dados).
- Construir uma tabela de conversão nutricional para os produtos identificados nos inquéritos junto às famílias com o suporte de “*experts*” em nutrição

b) Relativamente à Acção

- Reforçar os programas de informação nutricional, desenvolvendo produtos de informação com maior impacto a todos os níveis, em particular junto de populações alvos (a nível nacional e local e ao nível do meio de residência)
- Desenvolver acções particulares de melhoria do orçamento das famílias com um número elevado de membros e com chefes com idade acima dos 60 anos
- Reforçar os programas de aumento da produção e da produtividade agrícolas
- Promover estudos para a compreensão das causas da incidência da subalimentação e da nutrição, na sociedade cabo-verdiana
- Promover uma maior articulação entre a estratégia de crescimento e redução da pobreza e a estratégia nacional para a Segurança alimentar, para a implementação da abordagem “redução da pobreza e da insegurança alimentar em prol do crescimento económico”

- Reforçar o Sistema de Informação para a Segurança Alimentar, com o reforço do seguimento da vertente urbana da insegurança alimentar

V - LISTA DE DEFINIÇÕES

Balanço alimentar – o consumo alimentar proveniente do balanço alimentar é obtido por cada produto, a partir dos dados de produção, da importação e stock inicial, depois de deduzir as exportações, o stock final e o consumo não dirigido ao consumo humana (alimentação animal, utilização industrial, sementes, desperdícios e outras utilizações não alimentar); esta estimação faz referência ao consumo tanto privado como público.

Coefficiente de Gini - É uma medida de desigualdade que varia entre 0 (igualdade perfeita) e 1 (desigualdade perfeita). O coeficiente de GINI é uma medida de concentração numa distribuição tanto do rendimento, despesa e consumo em valor monetário e energético.

Coefficiente de Variação - O coeficiente de variação é uma medida de desigualdade que pode ser derivado da variância tendo por pressuposto que a distribuição do consumo alimentar é log-normal. A FAO definiu o Coeficiente de Variação da energia alimentar consumida compreendendo duas variáveis: um reflectindo a desigualdade do consumo alimentar associado ao rendimento e outro associado a factores não-monetários.

Consumo Energético Alimentar (expressa em termos energéticos) - Ao nível nacional, pode ser estimado a partir do Balanço Alimentar, e neste caso, reflecte os consumos privados e públicos. Ao nível regional, é estimado a partir dos dados do consumo alimentar, em quantidade recolhida nos inquéritos nacionais junto das famílias. A estimativa, neste caso, se refere ao consumo privado, unicamente.

Consumo Energético Alimentar Médio - Corresponde ao valor energético dos alimentos consumidos. É medido em Kcal/pessoa/dia

Consumo Total Médio - Corresponde ao valor médio do consumo total da população. É medido em escudos/pessoa/dia

Custo energético unitário – o custo energético unitário correspondente ao valor monetário de 1.000 quilocalorias consumido.

Desigualdade de receita – esta desigualdade diz respeito à disparidade na distribuição do rendimento.

Desigualdade do consumo alimentar devido à receita – esta desigualdade diz respeito à variação do nível do consumo alimentar em valor monetário ou energético numa população devido às disparidades na repartição da receita.

Despesa de consumo alimentar dos agregados familiares – As despesas totais de consumo dum agregado familiar são todas as despesas monetárias realizadas pelos agregados ou pelos seus membros pela sua própria conta, na aquisição de bens destinados ao consumo e compra de serviços, aos quais se juntam o valor dos bens e serviços recebidos sobre a forma de rendimento em natureza e consumido pelo agregado ou por um do seu membro. Os valores dos bens produzidos pelo agregado e utilizados no seu consumo, o valor do aluguer líquido do alojamento ocupado pelo proprietário e o valor do aluguer bruto imputado ao alojamento ocupado pelo agregado a título gratuito, fazem também parte das despesas de consumo do agregado familiar.

Disponibilidade energética alimentar – A distribuição do consumo alimentar faz referência à variação do consumo no seio duma população. Ela reflecte, às vezes, às disparidades devido aos factores sócio-económicos e aos diferentes factores biológicos, tais como o sexo, a idade, o peso corporal e os níveis de actividade física.

Distribuição do consumo alimentar – Quantidade de alimento disponível para o consumo humano, expressa em quilocalorias por pessoa e por dia (Kcal/pessoa/dia). À escala do país, calculamo-la a partir do balanço alimentar.

Elasticidade do Preço e das Despesas – A elasticidade da demanda alimentar respeitante ao preço (elasticidade do preço dos alimentos) mede o comportamento da quantidade demandada às variações do preço.

Elasticidade do Rendimento – Mede a propensão marginal no consumo, quando o rendimento aumenta 1 unidade monetária.

Incidência de Subalimentação – Proporção e número de pessoas no seio da população cujo acesso aos alimentos é julgado insuficiente (consumo abaixo da necessidade energética mínima) ao nível nacional, por grupo de rendimento e outros grupos de população

Intensidade da carência alimentar - Distância entre o consumo médio das populações subalimentadas e as necessidades energéticas mínimas e médias da população. Pode ser medido em déficite absoluto e relativo.

Macronutrientes – São as proteínas, glícidos e lípidos, os quais o nosso corpo tem necessidade em grande quantidade e que podem ser transformados em energia. São medidos em gramas.

Micronutrientes – São as vitaminas e outras substâncias, que o nosso corpo tem necessidade em pequena quantidade. São medidos em miligramas ou microgramas.

Necessidade energética alimentar – A necessidade energética de um indivíduo corresponde ao valor do consumo energético alimentar que equilibra a despesa de energia dum indivíduo, em que o seu físico, a composição da massa corporal e o grau de actividade física são comparáveis com a manutenção durável duma boa saúde e permite o exercício da actividade física necessária e socialmente desejável. A necessidade energética é calculada em função das características da idade, sexo, peso, altura e actividade física.

Necessidade energética alimentar mínima – É a quantidade de energia que se julga adequada para fazer face às necessidades energéticas normativas mínimas aceitáveis por um indivíduo com um certo peso e uma dada altura e assegurar a prática de uma actividade física moderada e a manutenção de uma boa saúde.

Necessidade Energética Média – É a quantidade de energia que se julga adequada para fazer face às necessidades energéticas normativas médias aceitáveis para um peso correspondente à uma certa altura e assegurar a prática de uma actividade prática moderada e manutenção de uma boa saúde.

Necessidade Energética Mínima - Corresponde ao mínimo necessário para que uma pessoa possa ter uma vida sã e sedentária

Pobreza alimentar - Proporção da população cujo consumo energético alimentar é inferior à necessidade energética média com base no custo energético de um consumo nutricional equilibrado

Pobreza alimentar crítica - Proporção da população cujo consumo energético alimentar é inferior a necessidade energética mínima com base no custo energético de um consumo nutricional equilibrado

Quilocaloria (Kcal) – Unidade de medida de energia. 1 Kcal = 1.000 calorias. No sistema de unidades internacionais, a unidade de energia é o Joule (J). 1 Kcal = 4.184 KJ (Quilo-Joule).

Rácio de Dispersão - O rácio de dispersão mede a desigualdade entre dois grupos de rendimento em termos de consumo alimentar (valor monetário ou energético), ou seja, o consumo alimentar da alta percentagem em rendimentos dividido pela percentagem mais baixa.

Valor Energético Unitário - É o custo dos alimentos para cada 1000 Kcal

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Instituto Nacional de Estatísticas (2003): *Perfil Demográfico Socio-económico e Sanitário de Cabo Verde*.

Instituto Nacional de Estatísticas (2003): *Perfil de Pobreza em Cabo Verde*.

Instituto Nacional de Estatísticas (2003): *Condições de Vida dos Agregados Familiares em Cabo Verde*.

FAO (2006): *L'état de L'insécurité alimentaire dans le monde*.

FAO (2006): *La Situation Mondiale de L'Alimentation et de L'Agriculture*.

FAO Food Security Statistics, Working Paper Series. Rome, July 2006.

FAO (2006) *International, national and sub-national improved indicators on food deprivation, Draft* FAO Food Security Statistics, Working Paper Series Rome September, 2006.

Sibrián R Ramasawmy S and Mernies J (2007). Measuring hunger at sub national levels from household surveys using the FAO approach: MANUAL. FAO Statistics Division Working Paper Series No. ESS/ESSA/005e. Available at the FAO Food Security Statistics webpage http://www.fao.org/es/ess/faostat/foodsecurity/Papers_en.htm.

Tables de composition nutritionnelle du Portugal et de USDA.

WHO (2003). Report of a Joint WHO/FAO Expert Consultation on Diet, Nutrition and the Pre-FAO (2003).

FAO Methodology for the measurement of food deprivation, Statistics Division, Food Security Statistics Rome.

http://www.fao.org/faostat/foodsecurity/Files/undernourishment_methodology.pdf

Naiken L (2002). FAO Methodology for estimating the prevalence of undernourishment *Key note paper presented at the International Scientific Symposium on Measurement of Food privation and Undernutrition (26-28 June 2002)*.

FAO (1999). The Sixth WORLD FOOD SURVEY, Rome.

Sibrian R *FAO (2007)*. "Indicators for monitoring hunger at global and sub national levels," Rome.

Food Security Statistics Module, Step 1 – Processing User Manual, FAO July 2006.

Food Security Statistics Module, Step 2 – Analysis User Manual, FAO July 2006.

Food Security Statistics Module, Step 3 – Reports User Manual, FAO July 2006.

VII. TABLEAUX ANNEXES

Annexe tableau 1. Statistiques sur la consommation alimentaire

<i>Statistiques sur la consommation alimentaire au niveau national et sous national</i>						
		<i>Région: Afrique</i>	<i>Pays: Cap-Vert</i>	<i>Année: 2001/02</i>		
Catégories et groupements	Nombre de ménages prélevés	Nombre moyen de personnes dans le ménage	Consommation énergétique alimentaire moyenne (kcal/personne/jour)	Consommation alimentaire moyenne en valeur monétaire (ML\$/personne/jour)	Valeur énergétique alimentaire moyenne (ML\$/1000kcal)	Consommation totale moyenne (ML\$/personne/jour)
National	4550	5.0	1950	88.28	45.21	269.96
Niveau de revenu						
Quintile 1	910	6.6	1490	30.46	20.49	64.79
Quintile 2	910	5.9	1700	53.33	31.28	117.47
Quintile 3	910	5.2	2010	78.85	39.24	182.02
Quintile 4	910	4.4	2160	112.37	52.12	297.24
Quintile 5	910	3.3	2680	208.28	77.66	878.63
Milieu de résidence						
Urbano	2446	4.8	1920	108.18	56.28	360.74
Rural	2104	5.2	1990	63.91	32.12	158.74
Taille du ménage						
moins 3 personnes	1416	2.2	2420	147.01	60.79	609.37
4 à 5	1444	4.5	2050	99.40	48.38	311.76
plus de 6	1690	7.8	1790	68.66	38.36	167.89
Genre du chef de ménage						
Masculino	2552	5.1	1950	92.67	47.49	293.22
Feminino	1998	4.7	1950	82.20	42.07	237.73
Age du chef de ménage						
Moins de 35 ans	1021	3.9	1970	96.42	48.98	309.52
entre 35 et 44 ans	1341	5.2	1960	88.51	45.16	272.11
entre 45 et 60 ans	1004	5.8	1950	90.12	46.13	290.60
plus de 60 ans	1184	4.9	1930	80.61	41.73	219.49
Education						
non scolarisés	1600	5.4	1910	65.87	34.56	162.31
EBI	2254	5.0	1920	83.62	43.58	231.05
Secondaire et plus	696	3.9	2220	172.50	77.66	739.04
Region						
Santiaoo-Praia	2439	5.1	1970	90.75	46.17	275.33
Autres Iles	2111	4.8	1940	85.34	44.05	263.55
Occupation						
cadres	556	4.0	2280	174.04	76.25	768.00
sans qualification	1613	5.1	1880	64.82	34.47	164.44
autre occupation	1202	5.2	1940	93.30	48.20	253.98
sans occupation	1179	5.0	1930	79.07	40.93	223.92
genre du chef de ménage et milieu de résidence						
masculin et urbain	1397	4.9	1930	114.36	59.11	395.29
masculin et rural	1155	5.4	1970	65.03	32.96	163.14
feminin et urbain	1049	4.6	1900	99.24	52.12	310.81
feminin et rural	949	4.9	2010	62.43	31.03	152.96

IDRF, 2001/02

Annexe tableau 2. Prévalence de l'insuffisance alimentaire

<u>Prévalence de l'insuffisance alimentaire au niveau national et sous national</u>						
Région: Afrique Pays: Cap-Vert Année: 2001/02						
Catégories et groupements	Nombre de ménages prélevés	Nombre moyen de personnes dans le ménage	CV de la consommation alimentaire (valeurs énergétique) - TOTAL d'après la méthodologie FAO (%)	Besoin énergétique alimentaire minimum (kcal/personne/jour) tel que défini par la FAO	Consommation énergétique alimentaire moyenne (kcal/personne/jour)	Prévalence de l'insuffisance alimentaire telle que définie par la FAO (%)
National	4550	5.0	29	1760	1950	41
Niveau de revenu						
Quintile 1	910	6.6	20		1490	83
Quintile 2	910	5.9	20		1700	60
Quintile 3	910	5.2	20		2010	28
Quintile 4	910	4.4	20		2160	18
Quintile 5	910	3.3	20		2680	2
Milieu de résidence						
Urbano	2446	4.8	31	1788	1920	46
Rural	2104	5.2	31	1726	1990	38
Taille du ménage						
moins 3 personnes	1416	2.2	34	1862	2420	26
4 à 5	1444	4.5	27	1763	2050	33
plus de 6	1690	7.8	25	1734	1790	50
Genre du chef de ménage						
Masculino	2552	5.1	29	1790	1950	43
Feminino	1998	4.7	30	1719	1950	38
Age du chef de ménage						
Moins de 35 ans	1021	3.9	31	1667	1970	35
entre 35 et 44 ans	1341	5.2	29	1753	1960	40
entre 45 et 60 ans	1004	5.8	28	1821	1950	45
plus de 60 ans	1184	4.9	29	1770	1930	43
Education						
non scolarisés	1600	5.4	29	1748	1910	44
EBI	2254	5.0	28	1756	1920	43
Secondaire et plus	696	3.9	33	1813	2220	32
Region						
Santiago-Praia	2439	5.1	28	1739	1970	38
Autres Iles	2111	4.8	30	1786	1940	45
Occupation						
cadres	556	4.0	31	1827	2280	28
sans qualification	1613	5.1	30	1725	1880	44
autre occupation	1202	5.2	28	1773	1940	43
sans occupation	1179	5.0	29	1766	1930	43
genre du chef de ménage et milieu de résidence						
masculin et urbain	1397	4.9	31	1816	1930	48
masculin et rural	1155	5.4	32	1757	1970	41
feminin et urbain	1049	4.6	32	1748	1900	45
feminin et rural	949	4.9	31	1685	2010	33

IDRF, 2001/02

Annexe Tableau 3. Prévalence de la pauvreté alimentaire critique

Indicateurs de la FAO sur la faim basés sur les dépenses de consommation totales et le premier quintile										
Région: Afrique Pays: Cap-Vert Année: 2001/02										
Catégories et groupements	Prévalence de l'insuffisance alimentaire	CV de la consommation alimentaire (valeur énergétique) - TOTAL d'après la méthodologie de la FAO (%)	Consommation énergétique alimentaire moyenne (kcal/personne/jour)	Besoin énergétique alimentaire minimum (kcal/personne/jour)	Valeur énergétique alimentaire du premier quintile (MLS/1000kcal/s)	Seuil de pauvreté alimentaire critique au niveau du premier quintile	Dépenses de consommation totale (MLS/personne/jour)	CV de la consommation total - TOTAL	Pauvreté alimentaire critique (%)	Premier quintile de revenu présentant un régime nutritionnel équilibré
National	41.0	28.7	1950	1760	32.79	57.71	269.96	119.7	12.2	4
Milieu de résidence										
Urbano	46.4	30.8	1920	1788	40.89	73.12	360.74	116.9	10.5	3
Rural	37.8	31.4	1990	1726	30.65	52.90	158.74	87.5	14.0	5
Taille du ménage										
moins 3 personnes	26.3	33.7	2420	1862	32.79	61.04	609.37	117.3	2.2	4
4 à 5	32.9	27.0	2050	1763	32.79	57.81	311.76	93.8	4.2	4
plus de 6	50.0	25.5	1790	1734	32.79	56.86	167.89	76.7	10.5	4
Genre du chef de ménage										
Masculino	43.4	28.7	1950	1790	32.79	58.68	293.22	122.1	11.4	4
Feminino	38.3	29.5	1950	1719	32.79	56.36	237.73	111.9	12.6	4
Aoe du chef de ménage										
Moins de 35 ans	34.9	31.4	1970	1667	32.79	54.67	309.52	109.7	6.6	4
entre 35 et 44 ans	40.4	29.4	1960	1753	32.79	57.47	272.11	121.3	12.3	4
entre 45 et 60 ans	45.4	28.2	1950	1821	32.79	59.72	290.60	138.2	15.5	4
plus de 60 ans	43.4	28.9	1930	1770	32.79	58.04	219.49	90.9	9.2	4
Education										
non scolarisés	43.8	29.5	1910	1748	32.79	57.30	162.31	80.3	13.1	4
EBI	42.9	28.5	1920	1756	32.79	57.57	231.05	90.0	7.8	4
Secondaire et plus	31.8	32.9	2220	1813	32.79	59.46	739.04	101.8	0.5	4
Region										
Santiaao-Praia	38.0	28.2	1970	1739	34.10	59.29	275.33	122.0	12.9	4
Autres Iles	44.8	29.9	1940	1786	31.20	55.71	263.55	116.9	11.3	4
Occupation										
cadres	27.8	30.8	2280	1827	32.79	59.90	768.00	105.7	0.6	4
sans qualification	44.0	29.7	1880	1725	32.79	56.55	164.44	86.3	14.5	4
autre occupation	43.1	28.4	1940	1773	32.79	58.15	253.98	93.3	7.1	4
sans occupation	43.0	28.8	1930	1766	32.79	57.89	223.92	93.8	9.6	4
Genre du chef de ménage et milieu de résidence										
masculin et urbain	47.9	31.4	1930	1816	32.79	59.54	395.29	115.4	5.5	4
masculin et rural	41.3	31.7	1970	1757	32.79	57.59	163.14	96.9	19.2	4
feminin et urbain	45.4	32.2	1900	1748	32.79	57.32	310.81	119.4	9.2	4
feminin et rural	33.5	31.3	2010	1685	32.79	55.25	152.96	76.0	12.1	4

IDRF, 2001/02

Annexe Tableau 4. Part des dépenses de consommation alimentaire par source d'approvisionnement

Part de la consommation alimentaire sur la consommation totale par sources d'approvisionnement						
Région: Afrique Pays: Cap-Vert Année: 2001/02						
Catégories et groupements	Nombre de ménages prélevés	Part de la consommation alimentaire sur la consommation totale en équivalent monétaire (%)	Part de la consommation alimentaire issue des achats sur la consommation totale en valeur monétaire (%)	Part de la consommation alimentaire issue de l'autoproduction sur la consommation totale en valeur monétaire (%)	Part de la consommation alimentaire en dehors du foyer sur la consommation totale en valeur monétaire (%)	Part de la consommation alimentaire issue d'autres sources sur la consommation totale en valeur monétaire (%)
National	4550	32.7	80.2	5.2	13.1	1.5
Niveau de revenu						
Quintile 1	910	47.0	80.9	11.2	7.3	0.6
Quintile 2	910	45.4	80.5	9.7	9.1	0.7
Quintile 3	910	43.3	81.0	7.0	10.5	1.6
Quintile 4	910	37.8	81.6	4.1	11.7	2.6
Quintile 5	910	23.7	78.6	2.0	18.2	1.2
Milieu de résidence						
Urbano	2446	30.0	83.0	1.1	14.4	1.5
Rural	2104	40.3	74.4	13.6	10.5	1.4
Taille du ménage						
moins 3 personnes	1416	24.1	77.8	3.7	17.9	0.7
4 à 5	1444	31.9	82.5	4.9	11.2	1.5
plus de 6	1690	40.9	79.8	6.2	12.1	1.9
Genre du chef de ménage						
Masculino	2552	31.6	79.2	4.9	14.1	1.8
Feminino	1998	34.6	81.7	5.6	11.6	1.1
Age du chef de ménage						
Moins de 35 ans	1021	31.2	78.6	4.1	16.5	0.8
entre 35 et 44 ans	1341	32.5	81.2	4.2	13.1	1.5
entre 45 et 60 ans	1004	31.0	80.4	4.8	13.0	1.9
plus de 60 ans	1184	36.7	79.9	7.9	10.6	1.6
Education						
non scolarisés	1600	40.6	79.3	8.7	11.1	1.0
EBI	2254	36.2	80.8	5.1	11.8	2.3
Secondaire et plus	696	23.3	80.1	1.4	18.0	0.5
Region						
Santiago-Praia	2439	33.0	78.8	5.8	14.1	1.3
Autres Iles	2111	32.4	82.0	4.3	12.0	1.8
Occupation						
cadres	556	22.7	79.3	1.5	17.7	1.5
sans qualification	1613	39.4	80.6	8.3	10.2	0.9
autre occupation	1202	36.7	79.0	4.5	14.0	2.5
sans occupation	1179	35.3	82.1	6.0	11.1	0.8
genre du chef de ménage et milieu de résidence						
masculin et urbain	1397	28.9	81.6	1.1	15.4	1.9
masculin et rural	1155	39.9	73.9	13.4	11.1	1.5
feminin et urbain	1049	31.9	85.3	1.2	12.6	0.9
feminin et rural	949	40.8	75.2	13.9	9.7	1.3

IDRF, 2001/02

Annexe Tableau 5. Part de la consommation énergétique alimentaire par source d'approvisionnement

<u>Part de la consommation alimentaire sur la consommation totale par source d'approvisionnement au niveau national et sous national</u>					
		<i>Région: Afrique</i>	<i>Pays: Cap-Vert</i>	<i>Année: 2001/02</i>	
Catégories et groupements	Nombre de ménages prélevés	Part de la consommation alimentaire issue des achats sur la consommation totale en valeur énergétique (%)	Part de la consommation alimentaire issue de l'auto production sur la consommation totale en valeur énergétique (%)	Part de la consommation alimentaire en dehors du foyer sur la consommation totale en valeur énergétique (%)	Part de la consommation alimentaire issue d'autres sources sur la consommation totale en valeur énergétique (%)
National	4550	77.0	4.3	10.3	1.4
Niveau de revenu					
Quintile 1	910	52.9	5.6	4.6	0.3
Quintile 2	910	66.9	7.1	7.3	0.5
Quintile 3	910	82.2	4.7	9.2	1.5
Quintile 4	910	85.5	3.0	11.6	2.7
Quintile 5	910	93.0	1.8	17.6	1.6
Milieu de résidence					
Urbano	2446	80.4	0.8	11.7	1.5
Rural	2104	73.1	8.6	8.6	1.2
Taille du ménage					
moins 3 personnes	1416	91.0	3.4	12.9	0.7
4 à 5	1444	82.0	4.1	9.9	1.5
plus de 6	1690	69.7	4.8	9.6	1.5
Genre du chef de ménage					
Masculino	2552	76.5	3.8	11.0	1.6
Feminino	1998	77.8	5.1	9.3	1.0
Age du chef de ménage					
Moins de 35 ans	1021	78.2	2.9	11.9	0.7
entre 35 et 44 ans	1341	76.6	4.3	10.4	1.4
entre 45 et 60 ans	1004	78.1	3.9	10.1	1.6
plus de 60 ans	1184	75.7	5.9	9.1	1.5
Education					
non scolarisés	1600	75.4	6.4	8.9	0.8
EBI	2254	76.4	3.7	9.3	2.0
Secondaire et plus	696	83.5	1.3	17.2	0.6
Région					
Santiago-Praia	2439	75.6	5.8	10.9	1.3
Autres Iles	2111	78.8	2.5	9.5	1.4
Occupation					
cadres	556	82.9	1.7	17.1	2.1
sans qualification	1613	74.7	6.1	7.9	0.7
autre occupation	1202	76.1	3.2	11.0	2.4
sans occupation	1179	78.3	4.6	9.2	0.9
Genre du chef de ménage et milieu de résidence					
masculin et urbain	1397	79.6	0.7	12.6	1.9
masculin et rural	1155	72.7	7.7	9.0	1.2
feminin et urbain	1049	81.6	0.8	10.5	0.9
feminin et rural	949	73.6	9.7	8.1	1.1

IDRF, 2001/02

Annexe Tableau 6. Coefficient de variation

<i>Mesures d'inégalité de revenu de consommation totale et alimentaire - COEFFICIENT DE VARIATION - CVs</i>									
<i>Région: Afrique Pays: Cap-Vert Année: 2001/02</i>									
Categories et groupements	Nombre de ménages prélevés	Nombre moyen de personnes dans le ménage	CV de la consommation alimentaire (valeur énergétique) DÜ au revenu (%)	CV de la consommation alimentaire (valeur monétaire) DÜ au revenu (%)	CV de la consommation totale DÜ au revenu (%)	CV du revenu - TOTAL (%)	CV de la consommation alimentaire (valeur énergétique) - TOTAL (%)	CV de la consommation alimentaire (valeur monétaire) - TOTAL (%)	CV de la consommation alimentaire (valeur énergétique) - TOTAL d'après la méthodologie de la FAO (%)
National	4550	5.0	20.6	72.9	119.7	119.7	38.2	85.1	28.7
Milieu de résidence									
Urbain	2446	4.8	23.4	68.9	116.9	116.9	40.6	82.7	30.8
Rural	2104	5.2	24.1	61.2	87.5	87.5	36.2	76.5	31.4
Taille du ménage									
moins 3 personnes	1416	2.2	27.1	70.5	117.3	117.3	63.5	93.4	33.7
4 à 5	1444	4.5	18.2	60.3	93.8	93.8	41.6	75.6	27.0
plus de 6	1690	7.8	15.8	58.5	76.7	76.7	26.2	68.6	25.5
Genre du chef de ménage									
Masculin	2552	5.1	20.6	72.5	122.1	122.1	36.8	85.3	28.7
Feminin	1998	4.7	21.7	70.5	111.9	111.9	40.4	84.2	29.5
Age du chef de ménage									
Moins de 35 ans	1021	3.9	24.2	68.2	109.7	109.7	44.6	83.5	31.4
entre 35 et 44 ans	1341	5.2	21.6	76.4	121.3	121.3	39.4	87.7	29.4
entre 45 et 60 ans	1004	5.8	19.9	79.4	138.2	138.2	35.7	91.6	28.2
plus de 60 ans	1184	4.9	20.9	60.0	90.9	90.9	33.9	74.7	28.9
Education									
non scolarisés	1600	5.4	21.7	59.4	80.3	80.3	36.7	73.6	29.5
EBI	2254	5.0	20.3	58.6	90.0	90.0	34.5	72.9	28.5
Secondaire et plus	696	3.9	26.1	60.6	101.8	101.8	54.6	79.0	32.9
Région									
Santiago-Praia	2439	5.1	19.8	73.0	122.0	122.0	39.1	85.7	28.2
Autres Iles	2111	4.8	22.3	73.2	116.9	116.9	37.4	84.5	29.9
Occupation									
cadres	556	4.0	23.4	58.0	105.7	105.7	50.3	77.1	30.8
sans qualification	1613	5.1	21.9	59.3	86.3	86.3	34.6	73.6	29.7
autre occupation	1202	5.2	20.2	65.7	93.3	93.3	35.5	76.8	28.4
sans occupation	1179	5.0	20.7	62.2	93.8	93.8	39.5	77.5	28.8
genre du chef de ménage et milieu de résidence									
masculin et urbain	1397	4.9	24.2	67.2	115.4	115.4	40.8	81.5	31.4
masculin et rural	1155	5.4	24.7	64.4	96.9	96.9	33.2	78.6	31.7
feminin et urbain	1049	4.6	25.3	73.0	119.4	119.4	40.5	84.8	32.2
feminin et rural	949	4.9	24.1	56.5	76.0	76.0	41.2	72.8	31.3

IDRF, 2001/02

Annexe Tableau 7. Coefficient de gini

Mesures d'inégalité de revenu, de consommation totale et alimentaire - COEFFICIENTS de GINI (distribution logarithmique)									
Région: Afrique Pays: Cap-Vert Année: 2001/02									
Catégories et groupements	Nombre de ménages prélevés	Nombre moyen de personnes dans le ménage	GINI de la consommation alimentaire (valeur énergétique) DÜ au revenu (%)	GINI de la consommation alimentaire (valeur monétaire) DÜ au revenu (%)	GINI de la consommation totale DÜ au revenu (%)	GINI du revenu - TOTAL (%)	GINI de la consommation alimentaire (valeur énergétique) - TOTAL (%)	GINI de la consommation alimentaire (valeur monétaire) - TOTAL (%)	GINI de la consommation alimentaire (valeur énergétique) d'après la méthodologie FAO TOTAL (%)
National	4550	5.0	11.4	35.5	49.5	49.5	20.6	39.8	15.8
Milieu de résidence									
Urbano	2446	4.8	13.0	34.1	48.8	48.8	21.8	39.0	16.8
Rural	2104	5.2	13.4	31.0	40.6	40.6	19.6	36.9	17.1
Taille du ménage									
moins 3 personnes	1416	2.2	14.9	34.7	48.9	48.9	31.9	42.4	18.3
4 à 5	1444	4.5	10.1	30.6	42.6	42.6	22.3	36.5	14.9
plus de 6	1690	7.8	8.8	29.9	36.9	36.9	14.5	34.0	14.1
Genre du chef de ménage									
Masculino	2552	5.1	11.5	35.4	50.1	50.1	19.9	39.9	15.8
Feminino	1998	4.7	12.1	34.7	47.6	47.6	21.7	39.5	16.2
Age du chef de ménage									
Moins de 35 ans	1021	3.9	13.4	33.8	47.0	47.0	23.7	39.3	17.2
entre 35 et 44 ans	1341	5.2	12.0	36.9	49.9	49.9	21.2	40.7	16.1
entre 45 et 60 ans	1004	5.8	11.1	37.9	53.5	53.5	19.3	41.9	15.5
plus de 60 ans	1184	4.9	11.6	30.5	41.7	41.7	18.4	36.2	15.9
Education									
non scolarisés	1600	5.4	12.0	30.3	38.2	38.2	19.9	35.8	16.2
EBI	2254	5.0	11.3	29.9	41.4	41.4	18.7	35.5	15.7
Secondaire et plus	696	3.9	14.4	30.7	44.9	44.9	28.2	37.8	17.9
Région									
Santiago-Praia	2439	5.1	11.1	35.6	50.0	50.0	21.0	40.0	15.5
Autres Iles	2111	4.8	12.4	35.7	48.8	48.8	20.2	39.6	16.4
Occupation									
cadres	556	4.0	12.9	29.7	46.0	46.0	26.3	37.1	16.8
sans qualification	1613	5.1	12.2	30.2	40.2	40.2	18.8	35.8	16.3
autre occupation	1202	5.2	11.2	32.8	42.4	42.4	19.2	37.0	15.6
sans occupation	1179	5.0	11.5	31.4	42.6	42.6	21.2	37.2	15.8
genre du chef de ménage et milieu de résidence									
masculin et urbain	1397	4.9	13.4	33.4	48.5	48.5	21.9	38.6	17.2
masculin et rural	1155	5.4	13.6	32.3	43.5	43.5	18.1	37.6	17.3
feminin et urbain	1049	4.6	14.0	35.6	49.4	49.4	21.7	39.7	17.6
feminin et rural	949	4.9	13.3	29.0	36.7	36.7	22.1	35.5	17.1

IDRF, 2001/02

Annexe tableau 8. Ratios de dispersion

<u>Mesures d'inégalité de revenu, de consommation alimentaire et totale</u>				
Région: Afrique Pays: Cap-Vert Année: 2001/02				
Catégories et groupements	Ratio de dispersion de la consommation énergétique alimentaire (80/20)	Ratio de dispersion de la consommation alimentaire en valeur monétaire (80/20)	Ratio de dispersion de la consommation totale (80/20)	Ratio de dispersion du revenu total (80/20)
Nationwide	1.8	6.8	13.6	13.6
Milieu de résidence				
Urbano	1.9	6.4	13.9	13.9
Rural	2.0	5.9	8.1	8.1
Taille du ménage				
moins 3 personnes	1.9	7.5	16.0	16.0
4 à 5	1.7	5.7	10.0	10.0
plus de 6	1.6	5.5	7.5	7.5
Genre du chef de ménage				
Masculino	1.8	7.5	15.5	15.5
Feminino	1.8	6.2	11.5	11.5
Age du chef de ménage				
Moins de 35 ans	2.0	6.7	14.0	14.0
entre 35 et 44 ans	1.9	7.5	14.7	14.7
entre 45 et 60 ans	1.7	7.5	15.9	15.9
plus de 60 ans	1.8	5.9	9.4	9.4
Education				
non scolarisés	1.8	5.4	7.6	7.6
EBI	1.7	5.6	9.3	9.3
Secondaire et plus	1.9	5.5	13.2	13.2
Région				
Santiago-Praia	1.8	7.2	15.0	15.0
Autres Iles	1.8	6.5	12.1	12.1
Occupation				
cadres	1.8	5.0	13.9	13.9
sans qualification	1.9	5.7	8.5	8.5
autre occupation	1.8	5.8	9.7	9.7
sans occupation	1.8	5.8	9.5	9.5
genre du chef de ménage et milieu de résidence				
masculin et urbain	1.9	6.3	14.2	14.2
masculin et rural	2.0	6.4	9.5	9.5
feminin et urbain	2.0	6.4	13.1	13.1
feminin et rural	1.8	5.1	6.9	6.9

IDRF, 2001/02

Annexe Tableau 9. Consommation alimentaire en valeur nutritionnelle

<u>Consommation alimentaire totale</u>					
<i>Région: Afrique Pays: Cap-Vert Année: 2001/02</i>					
Catégories et groupements	Consommation énergétique alimentaire moyenne (kcal/personne/jour)	Consommation alimentaire moyenne en valeur monétaire (ML\$/personne/jour)	Consommation moyenne de protéines (g/personne/jour)	Consommation moyenne de glucides (g/personne/jour)	Consommation moyenne de lipides (g/personne/jour)
National	1950	88.28	46.8	287.4	52.8
Niveau de revenu					
Quintile 1	1490	30.46	22.1	154.7	25.9
Quintile 2	1700	53.33	32.8	227.1	39.4
Quintile 3	2010	78.85	47.2	324.8	52.1
Quintile 4	2160	112.37	56.0	348.5	65.8
Quintile 5	2680	208.28	92.4	448.2	97.6
Milieu de résidence					
Urbain	1920	108.18	50.3	276.9	55.6
Rural	1990	63.91	42.6	300.2	49.4
Taille du ménage					
moins 3 personnes	2420	147.01	66.9	395.2	83.8
4 à 5	2050	99.40	55.2	313.4	58.2
plus de 6	1790	68.66	37.8	248.5	42.7
Genre du chef de ménage					
Masculin	1950	92.67	48.9	284.0	52.9
Feminin	1950	82.20	44.0	292.0	52.7
Age du chef de ménage					
Moins de 35 ans	1970	96.42	46.5	286.7	56.2
entre 35 et 44 ans	1960	88.51	49.3	283.1	53.8
entre 45 et 60 ans	1950	90.12	46.9	297.8	49.8
plus de 60 ans	1930	80.61	44.1	282.4	52.4
Education					
non scolarisés	1910	65.87	40.9	287.4	47.5
EBI	1920	83.62	44.1	278.7	50.9
Secondaire et plus	2220	172.50	75.4	321.3	76.0
Région					
Santiago-Praia	1970	90.75	45.9	289.8	54.9
Autres îles	1940	85.34	48.0	284.5	50.3
Occupation					
cadres	2280	174.04	79.2	334.5	78.5
sans qualification	1880	64.82	39.6	272.8	47.6
autre occupation	1940	93.30	46.2	285.7	51.3
sans occupation	1930	79.07	44.0	289.3	50.9
genre du chef de ménage et milieu de résidence					
masculin et urbain	1930	114.36	53.7	277.2	56.1
masculin et rural	1970	65.03	42.9	292.7	48.8
feminin et urbain	1900	99.24	45.4	276.5	55.0
feminin et rural	2010	62.43	42.3	310.0	50.1

IDRF, 2001/02

Annexe Tableau 10. Quantités consommées par groupe d'aliments.

Consommation alimentaire en quantité, valeur monétaire et nutritionnelle par groupe de produits alimentaires

Région: Afrique Pays: Cap-Vert Année: 2001/02

Groupe de produits	Quantité consommée totale (g/personne/jour)	Consommation alimentaire énergétique totale (kcal/personne/jour)	Consommation totale de protéines (g/personne/jour)	Consommation totale de glucides (g/personne/jour)	Consommation totale de lipides (g/personne/jour)
CÉREALES ET PRODUITS DÉRIVÉS	254.6	924.2	20.9	200.6	4.6
RACINES, TUBERCULES ET DÉRIVÉS	43.5	63.9	1.1	11.6	1.5
SUCRE ET SIROPS	30.7	130.6	0.0	32.8	0.0
LÉGUMINEUSES SÈCHES	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
FRUITS À COQUE	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
OLÉAGINEUX	0.1	0.5	0.0	0.0	0.0
LÉGUMES ET DÉRIVÉS	82.8	91.5	6.3	15.4	0.6
FRUITS ET DÉRIVÉS	20.9	14.4	0.2	3.2	0.1
STIMULANTS	3.2	8.0	0.6	0.6	0.4
ÉPICES	11.9	0.7	0.0	0.1	0.0
BOISSONS ALCOLISÉES	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
VIANDE	33.7	70.1	5.0	0.3	5.1
OEUFS	3.6	5.2	0.5	0.0	0.4
POISSON ET DÉRIVÉS	31.7	33.9	5.1	0.1	1.5
LAIT ET PRODUITS LAITIERS	20.3	57.2	3.1	4.5	3.0
HUILES ET MATIÈRES GRASSES VÉGÉTALES	29.0	269.0	0.0	0.0	29.9
HUILES ET GRAISSES ANIMALES	1.3	11.2	0.0	0.0	1.2
BOISSONS NON ALCOLISÉES	19.5	6.5	0.0	1.3	0.0
ALIMENTS DIVERS ET PRÉPARÉS	11.6	263.1	7.6	39.3	8.4

IDRF, 2001/02

Les données ne tiennent pas compte du gaspillage

Annexe Tableau 11. Valeurs des nutriments par groupe de produits

<u>Valeurs des nutriments par groupe de produits</u>				
<i>Région: Afrique</i>		<i>Pays: Cap-Vert</i>		<i>Année: 2001/02</i>
Item group	Valeur énergétique alimentaire moyenne (ML\$/1000kcal)	Valeur unitaire des protéines (ML\$/100g)	Valeur unitaire des glucides (ML\$/100g)	Valeur unitaire des lipides (ML\$/100g)
CÉREALES ET PRODUITS DÉRIVÉS	18.29	80.96	8.46	366.27
RACINES, TUBERCULES ET DÉRIVÉS	82.39	476.02	45.57	357.20
SUCRE ET SIROPS	15.61	163334.84	6.24	0.00
LÉGUMINEUSES SÈCHES	0.00	0.00	0.00	0.00
FRUITS À COQUE	0.00	0.00	0.00	0.00
OLÉAGINEUX	148.49	390.83	401.95	190.84
LÉGUMES ET DÉRIVÉS	137.54	200.88	81.98	2249.31
FRUITS ET DÉRIVÉS	237.32	1773.18	108.57	2962.11
STIMULANTS	233.39	330.77	315.54	497.86
ÉPICES	584.10	993.51	549.41	1548.05
BOISSONS ALCOLISÉES	0.00	0.00	0.00	0.00
VIANDE	169.89	239.67	3787.97	231.65
OEUFS	243.17	279.08	0.00	335.93
POISSON ET DÉRIVÉS	247.15	165.23	15749.92	562.55
LAIT ET PRODUITS LAITIERS	130.96	240.63	166.70	251.82
HUILES ET MATIÈRES GRASSES VÉGÉTALES	21.69	97161.88	67754.77	19.52
HUILES ET GRAISSES ANIMALES	43.49	47677.10	6811.01	39.25
BOISSONS NON ALCOLISÉES	192.79	0.00	97.04	0.00
ALIMENTS DIVERS ET PRÉPARÉS	59.30	204.91	39.85	185.88

IDRF - 2001/02

Annexe Tableau 12. Contribution de chaque nutriment pour 1000 Kcal

<u>Contribution de chaque nutriment pour 1000 kcal</u>				
Région: Afrique		Pays: Cap-Vert	Année: 2001/02	
Groupe de produits	Consommation énergétique alimentaire moyenne (kcal/personne/jour)	Contribution des protéines (g/1000kcal)	Contribution des glucides (g/1000kcal)	Contribution des lipides (g/1000kcal)
National	1950	24.0	147.2	27.1
Niveau de revenu				
Quintile 1	1490	14.9	104.0	17.4
Quintile 2	1700	19.3	133.2	23.1
Quintile 3	2010	23.5	161.6	25.9
Quintile 4	2160	26.0	161.6	30.5
Quintile 5	2680	34.5	167.1	36.4
Milieu de résidence				
Urbain	1920	26.2	144.1	28.9
Rural	1990	21.4	150.9	24.8
Taille du ménage				
moins 3 personnes	2420	27.7	163.4	34.7
4 à 5	2050	26.9	152.6	28.3
plus de 6	1790	21.1	138.8	23.9
Genre du chef de ménage				
Masculin	1950	25.1	145.6	27.1
Feminin	1950	22.5	149.4	27.0
Age du chef de ménage				
Moins de 35 ans	1970	23.6	145.7	28.6
entre 35 et 44 ans	1960	25.1	144.4	27.4
entre 45 et 60 ans	1950	24.0	152.4	25.5
plus de 60 ans	1930	22.8	146.2	27.1
Education				
non scolarisés	1910	21.4	150.8	24.9
EBI	1920	23.0	145.2	26.5
Secondaire et plus	2220	33.9	144.6	34.2
Région				
Santiago-Praia	1970	23.3	147.4	27.9
Autres Iles	1940	24.8	146.9	26.0
Occupation				
cadres	2280	34.7	146.5	34.4
sans qualification	1880	21.0	145.1	25.3
autre occupation	1940	23.9	147.6	26.5
sans occupation	1930	22.8	149.7	26.4
genre du chef de ménage et milieu de résidence				
masculin et urbain	1930	27.8	143.3	29.0
masculin et rural	1970	21.7	148.4	24.7
feminin et urbain	1900	23.8	145.2	28.9
feminin et rural	2010	21.0	154.1	24.9

IDRF, 2001/02

Annexe tableau 13. Contribution en valeur énergétique de chaque nutriment par groupe de produits

<u>Contribution en valeur énergétique de chaque nutriment par groupe de produits alimentaires</u>				
Région: Afrique		Pays: Cap-Vert		Année: 2001/02
Groupe de produits	Contribution en valeur énergétique à la CEA totale (%)	Contribution en valeur énergétique des protéines à la CEA totale (%)	Contribution en valeur énergétique des glucides à la CEA totale (%)	Contribution en valeur énergétique des lipides à la CEA totale (%)
CÉREALES ET PRODUITS DÉRIVÉS	47.4	41.5	64.8	8.1
HUILES ET MATIÈRES GRASSES VÉGÉTALES	13.8	0.0	0.0	52.7
ALIMENTS DIVERS ET PRÉPARÉS	13.5	15.1	12.7	14.8
SUCRE ET SIROPS	6.7	0.0	10.6	0.0
LÉGUMES ET DÉRIVÉS	4.7	12.5	5.0	1.0
VIANDE	3.6	9.9	0.1	9.1
RACINES, TUBERCULES ET DÉRIVÉS	3.3	2.2	3.7	2.6
LAIT ET PRODUITS LAITIERS	2.9	6.2	1.5	5.3
POISSON ET DÉRIVÉS	1.7	10.1	0.0	2.6
FRUITS ET DÉRIVÉS	0.7	0.4	1.0	0.2
HUILES ET GRAISSES ANIMALES	0.6	0.0	0.0	2.2
STIMULANTS	0.4	1.1	0.2	0.7
BOISSONS NON ALCOLISÉES	0.3	0.0	0.4	0.0
OEUFS	0.3	0.9	0.0	0.7
ÉPICES	0.0	0.1	0.0	0.0
OLÉAGINEUX	0.0	0.0	0.0	0.1
LÉGUMINEUSES SÈCHES	0.0	0.0	0.0	0.0
FRUITS À COQUE	0.0	0.0	0.0	0.0
BOISSONS ALCOLISÉES	0.0	0.0	0.0	0.0

IDRF, 2001/02